

Campus

2ª quinzena de dezembro de 87 — nº 112



QUEM SERÁ O PRESIDENTE?



A UnB, quem diria, prefere Ermírio

Pesquisa recente realizada entre alunos, mostra que o presidencialismo ainda é o sistema preferido pelos estudantes, que também votam em Antônio Ermírio

E**MAIS, MAIS**

- Prêmio Desastre Total — Brasil
- Prêmio Césio 137 — Ano de 1987
- Prêmio Dia do Fico — José Sarney
- Prêmio Efeitos Especiais — Bresser Pereira
- Prêmio Equilibrista — Ulysses Guimarães
- Prêmio Mister Músculo — Aureliano Chaves
- Prêmio Brega-Chique — Orestes Quêrcia
- Prêmio Dose Dupla — Jânio Quadros
- Prêmio Dama de Ferro — Delfim Netto
- Prêmio Nariz de Platina — Lobão
- Prêmio Nariz de Palhaço — Folha de São Paulo
- Prêmio Contos da Carochinha — Rede Globo
- Prêmio Namoradinho do Brasil — Hebe Camargo
- Prêmio Nobel da Paz — Ronald Reagan
- E mais outros (Pág. 8).

O leitor do Campus está satisfeito com o que lê

E a equipe do Campus foi descobrir também o que pensam alunos e professores do nosso jornal. (Os funcionários, por causa da greve, não puderam ser ouvidos). O resultado do que se ouviu massageia o ego de todos nós: 70 por cento da comunidade acreditam no Campus, estão satisfeitos com a linguagem do jornal e a apresentação gráfica, enquanto concordam ainda que o jornal atende aos interesses de divulgação dos assuntos da comunidade universitária. A pesquisa, realizada pela turma de Pesquisa de Opinião e Mercadologia, mostra também que professor está lendo mais o "Campus" do que os alunos. A pesquisa e todos os resultados estão na pág. 6.

O universitário brasileiro é alienado porque é um desiludido com a política nacional. Esta é a opinião de Valmir Santos, o novo presidente da UNE. Numa longa entrevista, Valmir fala da volta da política às universidades e garante que sem a união aluno, professor e funcionário nenhum progresso será possível. Valmir é a favor da descriminalização da maconha e diz que não acredita em Deus. Pág. 10

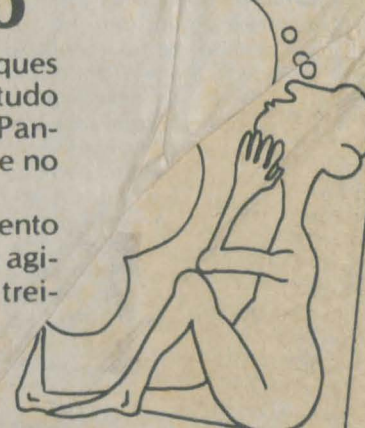


Os destaques de 1987 no esporte brasileiro

As palavras cruzadas revelam os principais destaques do esporte nacional. Uma retrospectiva mostrando tudo que rolou este ano (Copa União, Jogos Pan-Americanos, Mundial de Fórmula-1, etc), no Brasil e no mundo.

E o esporte da UnB: os problemas do Departamento de Educação Física; o torneio de tênis de mesa que agitou a Faculdade de Tecnologia; e o pessoal do remo treinando forte, com disciplina e muita garra.

(Pág. 9)



EDITORIAL

Única certeza é a dúvida

Fim de ano. Para muitos, não há motivo de festas, mas, com certeza, para reflexão. O *Campus* traz, nesta edição, duas importantes pesquisas que, longe de serem conclusivas, nos abrem as portas da indefinição e perplexidade.

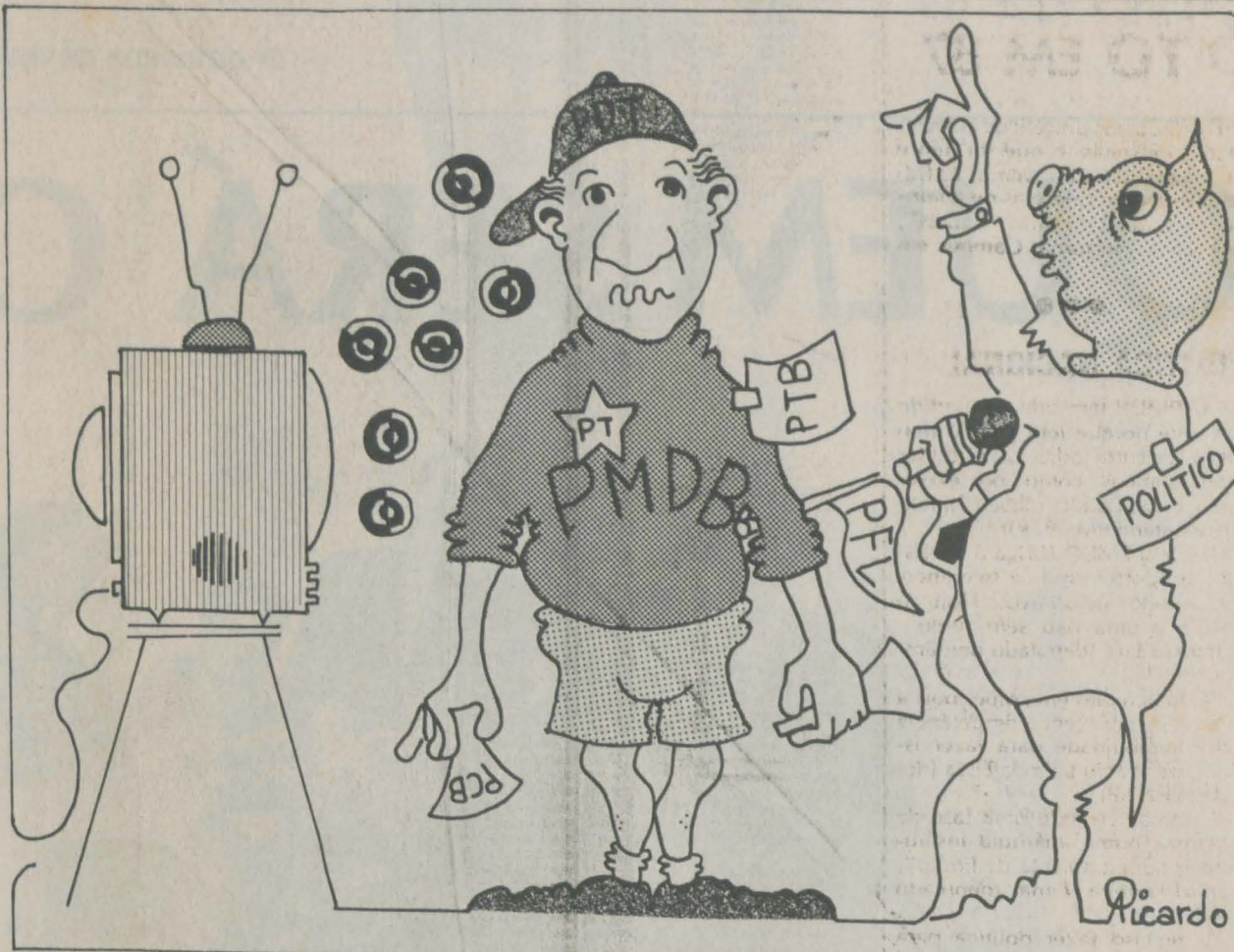
Os universitários, elite mantida por essa carente sociedade para pensar e nutri-la com os avanços de suas descobertas científicas, elegeram para presidente da nossa querida república, o Sr. Antônio Ermirio de Moraes. Das análises feitas em cima desse resultado, uma pelo menos é positiva. Derrubou-se aquela velha imagem estereotipada do universitário marxista engajado.

A outra pesquisa, feita com mais profundidade, dá um quadro bastante positivo para o *Campus* junto ao seu público alvo, que é a comunidade universitária. Mesmo aí, alguns resultados são intrigantes. De novo, aqueles mesmo universitários, que a princípio aqui estão para produzir científica e intelectualmente, não lêem o *Campus* na mesma proporção que o número de professores. As questões feitas em aberto foram na maioria mal respondidas ou simplesmente deixadas em branco. Tratava-se

de um jornal intimamente ligado ao contexto de todos.

O jornal *Campus*, agora no número 112, alcançou um estágio bastante elevado, seja na produção ou no conteúdo. Houve um grande salto qualitativo nestes últimos anos, mais precisamente neste 1987. Este quinzenário constitui, por enquanto, o mais desenvolvido meio de comunicação nesta comunidade. A recente pesquisa de opinião confirma este quadro, e aponta deficiência na viabilização e distribuição do jornal. Questões da esfera administrativa. É preciso, senão urgente, que a comunidade inteira perceba aí o grande veículo em que o *Campus* está se transformando, e pensar uma forma de catalizar este processo que é, cada vez mais, assumir este papel de grande importância, não só dentro dos muros da UnB, mas como seu porta-voz junto à comunidade.

Quem sabe assim, poderemos construir alguma referência e ter, pelo menos, certeza das coisas mais básicas em nossa vida. Porque, por enquanto, a única certeza da "galera" é o tetra do Flamengo.



A lição da unidade na comunicação

Pela primeira vez em Brasília os trabalhadores de empresas de Comunicação realizaram uma campanha salarial conjunta. Jornalistas, gráficos, motoristas e radialistas deflagram um movimento que, durante dez dias, em novembro, mobilizou cerca de 1.200 profissionais interessados em conquistar melhores salários. A exceção dos radialistas, que estavam em sua data-base (mês de negociações do acordo coletivo de trabalho), as outras categorias realizaram uma campanha salarial de emergência para repor parte de sua perda salarial.

A intensa mobilização, com assembleias que contavam com cerca de 80 por cento dos interessados, deu certo. Inicialmente, as empresas recusaram-se a negociar com as diretorias dos três sindicatos, considerando o movimento "ilegal" e "inviável". No entanto, com as assembleias e a disposição de luta das categorias as empresas voltaram atrás. No mesmo dia em que diziam "não" na mesa-redonda os patrões começaram a apresentar propostas nas empresas, com a intermediação dos sindicatos. Ou seja, na prática reconheceram a legitimidade e a viabilidade do movimento.

Mais do que os ganhos econômicos com a campanha conjunta — os gráficos tiveram um ganho real de 15 por cento, jornalistas e motoristas recuperaram metade de suas perdas e os radialistas firmaram um acordo semelhante ao do Rio de Janeiro, que foi a greve — a unidade do movimento foi a maior lição para todas as categorias. Ficou claro para os assalariados das empresas de comunicação que somente a negociação conjunta, com o aumento de nossa força política, cria condições efetivas para conquistas. Também está claro para todos que em abril do próximo ano, quando a Constituinte aprovar a legislação sindical que permite a organização dos trabalhadores de acordo com sua vontade, teremos o Sindicato Único dos Trabalhadores em Comunicação, reunindo jornalistas, gráficos, radialistas, pessoal de administração e publicitários.

PAULO FONA

Senhores, Eu vi...

Sete anos na UnB, como aluno, me deixaram acompanhar melhor alguns fatos. Lembro da época do Azevedo, quando a reitoria não apoiava nada. Aquela geração de estudantes fazia mundos e fundos com o pouco que tinha nas mãos e o muito que tinha na cabeça. Vi o movimento estudantil no seu auge, em 82. Vi seu declínio, por causa do sectarismo radical.

Vi o movimento dos professores se erguer tímido atrás dos estudantes e depois desprezar os alunos, autoconfiante. Vi a corporação dos funcionários erguer seu feudo. Nunca os vi discutindo a melhoria da eficiência de seus serviços. Vio Sr. Volney Garrafa chamar de apáticos os mesmos estudantes que o colocaram no seu cargo de decano. Admiro muito o Rector Carlos Burque. Ele é uma das raras pessoas que ouve, aposta alto nos estudos, porque sabe que sem eles não existe o futuro.

Acompanhei de perto a vida cultural da universidade. Fiz parte do movimento cultural, fiz parte do movimento artístico, dancei, festejei. B. Cantei, fiz muita coisa aqui. Vi aí, amei, depois Punks, depois Darks, depois muita gente, o tempo todo eu vi algo que está escondido, algo de algo que está à mostra, como de vez de estar à mostra, como de vez de estar à mostra, como de vez de estar à mostra. Levou sete anos...

MILITÃO RICARDO

POLÍTICA

O menos pior é péssimo!

Os números não mentem. Se esse velho ditado for correto temos pela frente uma situação no mínimo constrangedora. É quase dramático verificar que, de acordo com a pesquisa divulgada nessa edição do *CAMPUS*, os estudantes da UnB preferem ver na cadeira de presidente da República o empresário Antônio Ermirio de Moraes.

Não se trata de puritanismo nem preconceito contra a classe empresarial. Trata-se de uma triste constatação. A constatação de que, num momento de profunda descrença na carta política que se desmoroniza a cada dia, mesmo os setores supostamente mais esclarecidos da sociedade-ou até por isso mesmo—permitem a sedução do liberalismo de aluguel. Basta lembrar que a candidatura de Ermirio é promovida por figuras como Del-

UnB

"Campus" é o canal

A pesquisa sobre o "Campus", realizada junto aos alunos e professores da UnB, ajuda a confirmar a viabilidade e a necessidade de que seja feita uma profunda mudança na atual estrutura do jornal. Dezesete anos depois que foi criado, o que hoje é apenas um jornal-laboratório feito pelos estudantes de jornalismo, pode se transformar em um importante meio de comunicação com periodicidade reduzida e que atinja, inclusive o público externo à Universidade.

Uma alteração desse tipo seria vantajosa para todas as partes envolvidas. Para os alunos que fazem o jornal, é a oportunidade de, dentro de um esquema mais aproximado ou igual ao da grande imprensa, conhecerem mais cedo e eficientemente a realidade do mercado de trabalho.

COMPORTAMENTO

E aí, 88?!

1987. Afirmam alguns astrólogos que nesse ano entramos de vez na Era de Aquário, e quem esperou por esse momento nos anos 60 viu que a coisa não era bem assim de paz e amor.

A paz, mesmo com o acordo recente entre as duas potências, continua ameaçada com a existência de armas nucleares, e o amor se viu forçado a voltar aos padrões dos anos dourados, já que a revolução sexual foi barrada pela ameaça da AIDS.

Aquário é marcado pela sua força de transformação, de mudanças, mas o que está aí não corresponde muito bem a esse astral, tanto é que a Nova Constituição brasileira não se diferencia muito das anteriores, militares continuam sendo militares em qualquer lugar, e o dinheiro está cada vez mais suadinho.

ESPORTES

Gol para o futebol

Fim de ano. Fim de festa. O ano esportivo de 1987 se encerra no apagar das luzes do Maracanã. O Brasil tem um novo campeão de futebol. O primeiro tetracampeão. Para aquele que ainda é o nosso esporte maior, o ano de 87 ficará marcado como o ano das mudanças, das revoluções, dos conchavos, do clube dos 13.

Foi uma nova experiência. Uma nova tentativa de organizar o nosso já tumultuado futebol. As falhas ocorreram. Todas, porém, previsíveis. Esperava-se um pouco mais das torcidas e do próprio futebol. Aconteceram partidas memoráveis. Belas jogadas, gols, garra, emoção... Erros de organização, de regulamento, de carmas apesar de tudo a vitória foi finda a copa União, a aten-

fim Neto e Marco Maciel.

O país atravessa uma indistigável crise política e econômica, mas o mais perturbador é o caos emocional que nos metemos. Há no ar algo mais do que aviões de carreira. Há desesperança. Há perplexidade. Há medo. Medo de um futuro em que se cansou de acreditar. Perdemos o bonde da história e ficamos na contra-mão de nossas convicções. Passamos a acreditar no ruim para evitar o risco. E isso é péssimo. Se cada consciência é uma sentença, estamos condenados.

É hora de refletir. Colocar de lado as idéias pré-concebidas e sair desse labirinto moral em que nos perdemos.

RICARDO MIRANDA FILHO
Editoria de Política

Para a comunidade brasileira, é a chance de conhecer a realidade de uma instituição que consome considerável fatia de seus impostos. Para a Universidade é a melhor saída para ver a sociedade engaiada, por exemplo, na luta pela "Rádio UnB".

Outro aspecto importante, é que um jornal feito dentro dos muros de uma Universidade estaria isento de uma série de empecilhos para a livre divulgação das notícias. Sem o comprometimento econômico dos grandes jornais, seria a possibilidade de se fazer um jornalismo controlado pela comunidade, que formaria o conselho editorial. O "Campus" e a "Rádio UnB" com certeza, integrariam a Universidade e a Sociedade.

EUMANO SILVA
EDITORIA DE UNBPAULO CABRAL
Editoria de Comportamento

ção dos torcedores se volta para a nova seleção brasileira. A velha camisa amarela, que acaba de receber um absurdo anúncio vermelho da Coca-Cola no peito, parece estar recuperando as suas forças. É preciso dar uma chance de verdade para essa nova geração para que eles, Muller, Silas, Bebeto, Jorginho, Eduardo, Geovani, Zé Carlos, Taffarel, Valdo e tantos outros, possam "arrebentar" em 1990.

Da nossa parte, resta apenas desejar, ou melhor, torcer para que 1988 o verde e amarelo volte a brilhar nos campos, nas quadras e nas pistas de todo o mundo.

MARCUS VINICIUS
Editoria de Esportes

Sobre a greve dos funcionários

O fato do movimento docente dar apoio à greve dos funcionários pelas suas justas reivindicações não significa que este apoio seja irrestrito ou que o movimento deva-se omitir de tomar posições diante do processo.

A greve é justa, mas alguns equívocos são notórios, e se não discutirmos até mesmo para avançarmos na luta em defesa da universidade pública, teremos dificuldades no futuro. Analisamos aqui alguns dos encaminhamentos da greve que consideramos errados politicamente; parte deles parece que está sendo revisto:

1. **Dimensão da greve.** A greve é dos funcionários e se nenhum outro segmento da universidade (professores ou estudantes) aderiu ao movimento — por reivindicações próprias ou em solidariedade aos funcionários — qualquer tentativa de querer interferir nas atividades desses segmentos é passar por cima da sua autonomia. Nesse sentido, o informe dado na assembleia dos professores como positivo, de que o campus de uma universidade parou pela ação dos funcionários, não nos parece uma vitória do movimento e isto não tem resultado de uma decisão conjunta dos integrantes da comunidade universitária.

2. **Funcionamento dos serviços essenciais.** Fazer greve não significa parar todos os serviços porque de alguns deles depende inclusive a própria sobrevivência da instituição, e portanto o próprio trabalho e salário. O alvo da greve é o MEC e não a administração da reitoria ou a universidade como instituição, que deve e tem de ser preservada. Serviços tais como vigilância da universidade, continuidade das experiências de laboratório, pagamento em dia de fun-

cionários e professores (pela primeira vez não é o patrão que ameaça cortar os salários, mas os próprios grevistas) e quem sabe um plantão na biblioteca devem ser repensados para que não se crie um conflito interno entre os segmentos que compõem a comunidade, desviando assim o próprio objetivo da greve, dificultando os apoios que são essenciais para a vitória do movimento e até mesmo o andamento das negociações.

3. **Proposta que professores e alunos assumam parte dos serviços essenciais.** Se os funcionários propõem que esses serviços sejam executados em comissões mistas, reconhecem que são essenciais, e se são, é a categoria em greve que deve assumi-los. Se não, estender a proposta às outras atividades, enfraquecendo assim a própria greve. De quem seria a responsabilidade se num posto de segurança (vigilância) ocorresse algum problema com um estudante ou um professor despreparado para tal serviço?

Uma questão que fica meio sem resposta, mas que deve ser pensada, é se esses equívocos resultam do próprio estágio de consciência política do movimento ou decorrem da condução política da direção da greve. Em qualquer dos casos, deve-se fazer a discussão para que se possa avaliar posteriormente os pontos positivos e negativos da greve, os avanços e recuos.

Por fim, retornar aos objetivos imediatos da greve é sempre importante, não esquecendo as bandeiras políticas mais gerais do movimento. Avançar nessa direção, sem se perder em questões que podem ser secundárias para os grevistas, mas provavelmente

poderão atrapalhar em muito o andamento das negociações.

Em relação à posição do Conselho Universitário de continuidade do semestre, consideramos correta e corresponde à posição que foi unânime nos departamentos. Porém, o fato de reconhecermos o Conselho Universitário como instância legítima da universidade não significa que tenhamos de concordar com todas as suas posições. E nesse sentido a posição de cortar o ponto dos vigilantes não foi uma posição dos departamentos, mas do Conselho Universitário. Alguns departamentos que discutiram essa questão se negaram a respaldar qualquer posição nesse sentido.

A assembleia da ADUnB realizada no dia 2 de dezembro deveria posicionar-se em relação a todas essas questões. Entretanto, depois de duas horas de discussão e com muitas propostas sobre a mesa foi aprovada uma proposta preliminar de que, em nome da independência da entidade, não se devia tomar nenhuma posição, além do apoio já dado. Dessa forma, o movimento docente enquanto força política organizada saiu da assembleia sem uma posição política sobre questões importantes que o movimento está enfrentando.

Somados aos equívocos da greve deve-se acrescentar também o equívoco da posição dos professores, que ao mesmo tempo que se dispõem a ajudar nas negociações negam-se a assumir para ficar bem com todo mundo — um posicionamento político mais consequente de apoio à greve.

MARIA FRANCISCA
SALES PINHEIRO, professora
do Departamento de Sociologia/UnB

Ministro, tenha grandeza

Quando coordenava o projeto da Rádio UnB, fui um dia ao Ministério das Comunicações saber sobre o andamento do processo. Conversei por mais de uma hora com uma pessoa ligada ao Gabinete do Ministro, que disse textualmente: "Até há pouco a ordem era tocar o processo o mais rápido possível. Agora é para engavetá-lo. O projeto está perfeito. Não tem nenhum problema técnico ou jurídico. Você quer um conselho? Diga ao Reitor para ir ao Presidente da República". Eu então perguntei: "Tem de ser o presidente"? Resposta: "Tem".

Isto aconteceu pouco depois da greve das universidades em abril de 1987, em que a Universidade de Brasília teve atuação estratégica, seja por ter entrado em greve na frente das outras, seja pelo apoio dado pela Reitoria. Aliás, inevitável: a situação salarial dos professores chegara a um ponto em que estava havendo uma debandada geral dos melhores cérebros. Este episódio foi a gota d'água que faltava. O então ministro da Educação, Jorge Bornhausen, impotente para adotar qualquer represália no âmbito de seu ministério, onde o projeto fora aprovado com louvor pela Funteve, teria recorrido ao colega do PFL, Antônio Carlos Magalhães, para

impedir a concessão do canal. Este, jogando com a cumplicidade e ambição do Governador José Aparecido, decidiu entregar o canal ao Governo do Distrito Federal.

Recentemente, o *Campus* abriu generosamente suas páginas ao Ministro, publicando em manchete suas declarações de que tinha "a maior abertura" para dar o canal à UnB. Um imenso crédito foi aberto ao Ministro. Lembro que quando Tancredo Neves o escolheu Ministro, sob uma saravada de críticas, ele diz: "Ele será o ministro. Eu serei o Presidente". Tancredo Neves partiu, o ministro ficou e o mau juízo que sobre ele se tinha foi reforçado por uma série de episódios mal explicados: acusações de interferência a favor de Roberto Marinho, na compra das ações da NEC, de entregar centenas de rádio e televisões a amigos, de boicotar a reserva de mercado na informática, etc. O Ministro tem uma grande chance de redimir sua imagem, concedendo a rádio à UnB. Estamos à espera deste ato de grandeza, mas nosso crédito de confiança está se esgotando.

JOSÉ SALOMÃO AMORIM
Professor do CAMPUS

EXPEDIENTE

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB. Endereço: ICC Norte, Campus da UnB. Editor-chefe: Luiz Fernando Molina. Secretária de redação: Nathália Kneipp. Editores: Giuliana Morrone (UnB), Ricardo Miranda Filho (Política), Paulo Cabral (Comportamento) e Marcus Vinicius B. Lopes (Esporte). Repórteres e redatores: Andréa Moraes, Andréa Quintiere, Augusto Rodrigues, Alessandra Rios, Daniel Angelo, Dizo Dal Moro, Delman Assis, Flávio Guilherme, Floriano Lima Filho, Giselle Chassot, Hélio Franco, Jane Araújo, Larissa Chagas, Luiz Piu, Márcia Binda, Aratú Tafari, Mário Salim, Marilda Vargas, Mauro Porto, Militão Ricardo, Oswaldo Buarim Júnior.

nior, Paulo Fona, Tíd Carvalho, Valéria Cristina Castanho e Verner Uhlmann.

Fotografia: Andréa de Castro Fonseca, César Mendes, Cláudia Valéria A. Pereira, Dulcindo Siqueira Neto, Eunice Antunes Vieira, Isabel Cristina Braga, Isabela Viddas-Boas, Nathália Kneipp e Paulo Panilago.

Professores Consultores: Salomão Amorim, Gonzaga Mota e André Gustavo. Editora Supervisora: Célia Maria Ladeira. Diagramação: Márcio Amaral (1º caderno) e Francisco Eduardo, Andréa Quintiere, César Mendes, Layrce de Lima, Margarette de Cássia e Maria Rita Leal (2º caderno).

Ilustração: Ricardo Miranda Filho. Colaboração: Renato Palet. Composição, revisão e impressão: Correio Braziliense.

O QUE FOI DITO EM 87

De discursos proféticos a declarações inóspitas, o que foi dito e ficou pelo não dito, vamos às frases, verdadeiras pérolas de autoridades, estrelas e outras "figuras", publicadas no jornal **Campus** em 87

POLÍTICA NACIONAL

"O PMDB tem sido um partido coerente porque tem votado majoritariamente todas as questões programáticas, como, por exemplo, a estabilidade". Ibsen Pinheiro (deputado PMDB/RJ).

"Hoje o PMDB abriga o adesismo, o oportunismo, a tolerância no sentido pejorativo. Hoje o PMDB é uma nau sem rumo". Fernando Lira (deputado pernambucano).

"Não acredito em golpe, pois a direita já não tem competência nem credibilidade para fazer isso". Luiz Inácio Lula da Silva (deputado PT/SP).

"Estamos vivendo uma fase de incerteza numa anarquia institucional, num ambiente de limbo". Egidio Ferreira Lima (deputado PMDB/SP).

"É preciso fazer política para que nossas idéias possam ser respeitadas e defendidas. Política, ou você faz, ou autoriza que os outros façam por você; só que contra você." Ronaldo Caiado (Líder da UDR).

"Ainda não há uma consciência democrática no povo brasileiro. Sarney é um improvisador, medíocre e provinciano". José Genoíno Neto (deputado federal).

"Eu sou um progressista". Antônio Carlos Magalhães (Ministro das Comunicações).

"O brasileiro não está preparado para democracia nem no futebol". Nilton Santos (Técnico do Taguatinga Futebol Clube).

CULTURA

"Outras cidades fora do eixo Rio-São Paulo têm políticas culturais que conseguem ser menos confusas que as daqui, que são inexistentes porque não se escolhem pessoas realmente aptas para os lugares". Fernando Villar (diretor de teatro da cidade).

"Atualmente a qualidade do rock foi trocada pela quantidade. Mas, pode ir em frente se for bem administrado. Vai deixar de ser "Rock and Roll" para ser Rock Brasileiro". Lobão (cantor).

"A cada título, cada elogio, aumento a minha responsabilidade de nunca deixar cair o conceito que as pessoas têm de mim". Hortência (jogadora de basquete da Mineral e Seleção Brasileira).

"Quem curte Sidney Magal é toda pessoa que tem um sentimento muito simples, que acha que a vida foi feita para se viver, para se amar". Sidney Magal (cantor).

UnB

"A maioria da população ignora a existência da UnB". Cristóvam Buarque (Reitor da UnB).

"A burocracia ainda empena a vida da universidade. Muitos setores permanecem extremamente atrasados e ineficientes. Há dificuldade em discernir as prioridades financeiras". José Carlos Coutinho (Professor do Departamento de Arquitetura).

"O vestibular é um compromisso que a universidade tem com a comunidade de Brasília e, para honrar esse compromisso, suas atividades não podem ser postas de lado, prejudicando cerca de dez mil candidatos que pretendem ingressar na UnB". Cristóvam Buarque (Reitor da UnB).

"Se a gente não consegue a concessão legal para funcionar a Rádio UnB, então iremos ao ar de outra forma. O que queremos é o direito à comunicação". (Aluno do Departamento de Comunicação envolvido no Movimento Pró-Rádio UnB).

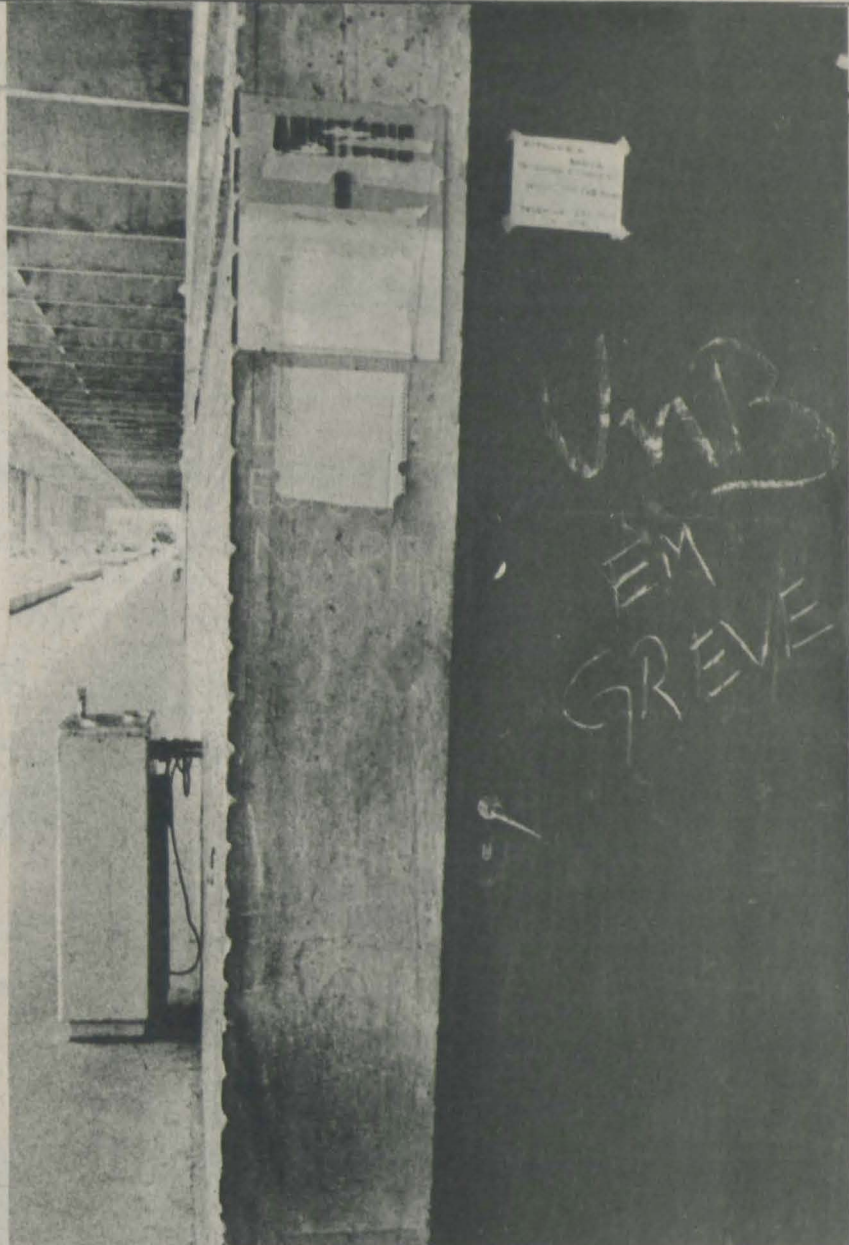
EDUCAÇÃO

"O governo é responsável pelo processo de corrosão do ensino com sua política de privatização voltada contra os interesses da universidade pública". Newton Lima Neto (Presidente da Andes).

"A greve universitária é válida na medida em que é um mecanismo, um processo de transformação da universidade. Ela não nasce do nada; ela nasce de condições concretas". Florestan Fernandes (deputado PT/SP).

CONSTITUINTE

"Existe um descompasso entre a Constituinte e a sociedade. Ela não está a par de informações básicas como prazos e comportamento dos constituintes. Assim, nosso poder de fogo diminui sensivelmente". Edmilson Valentin (deputado PC do B/RJ).



DAC promete creche e moradia para 88

Neste ano de 1987, o Decanato de Assuntos Comunitários estabeleceu várias mudanças na forma de dirigir os trabalhos voltados para a comunidade. O primeiro passo para tais mudanças, foi a implantação de programas, a partir da reformulação dos antigos DAC e DSS (Diretoria de Ação Comunitária e Diretoria de Serviços Sociais). Para 1988, a principal meta é dar continuidade aos programas já desenvolvidos neste ano e a implantação definitiva da creche e da moradia dos funcionários.

Segundo a decana de assuntos comunitários, professora Eva Terezinha Faleiros, o decanato não se propõe a criar mais programas porque tem de aprofundar os já existentes. Com a criação da Diretoria de Assuntos Sociais, a política foi voltada para a prestação de serviços à comunidade, como o alojamento, a moradia dos funcionários, a alimentação no campus (restaurante), o atendimento infante juvenil, a escolarização dos funcionários e o mercado de trabalho (bolsas). Todos esses serviços foram ampliados e testados durante todo o ano, mudando-se também os critérios de seleção para a concessão de bolsas de estudo e trabalho a partir na análise da faixa salarial, e não mais pelo imposto de renda.

A parte de apoio às iniciativas à comunidade passou para a Diretoria de Ação Comunitária, que mudou até fisicamente, passando do prédio da reitoria para a ala norte do minhocão, ficando mais próximo à comunidade. A parte que coube ao novo DAC foram os Serviços de Apoio à Organização Comunitária (Centros Acadêmicos, Encontros

Nacionais), Serviços de Apoio à Organizações Comunitárias (Centro Acadêmicos, Encontros Nacionais), Serviço de Apoio Artístico-Cultural (Cineclube 2 Candangos, Quintas Musicais e Forum Livre), Prêmio Universitários (a serem implantados) e Caderno Universitário, Serviço de Apoio Esportivo e Recreativo (Tai-Ehi, Ginásticas, Yoga), e finalmente o Serviço de Saúde Comunitária.

Em relação às bolsas de trabalho neste exercício de 1987, o número manteve-se constante, e em resposta às reivindicações dos alunos, aumentou-se em 108,33%, o valor real da bolsa. Em junho reajustou-se para 1,5 Salários Mínimos e reduziu-se a carga horária de trabalho de oitenta horas mensais para sessenta horas. Dos 180 bolsistas existentes, 66 são alunos selecionados como economicamente carentes; 7 não carentes e 113 não passaram pela seleção sócio-econômica, porém foram selecionados conforme aptidão ao trabalho a ser desenvolvido.

Em setembro foi criado o Fundo Comunitário, considerado pela decana como a maior reformulação administrativa do decanato, uma vez que os recursos alocados não passam pelo Decanato de Administração e Finanças dando mais agilidade interna às operações imediatas, como a compra de alimentos e repasses para a operacionalização dos diversos programas sem a espera da liberalização da contabilidade.

BENEDITO AUGUSTO
C. RODRIGUES

Graduação: greve adia novo sistema

A reestruturação do ensino de graduação está em andamento há dois semestres e inclui a implantação do sistema semi-seriado do módulo livre. Porém as greves prejudicaram e atrasaram esta inovação. De 86 a 87 tivemos quatro greves, sendo três somente este ano, o que faz com que as chances da nova implantação para o primeiro semestre de 88 se tornem muito pequenas. O sistema orientado de matrícula, por exemplo, só foi implantado em 12 cursos de ciências no segundo semestre de 87, embora estivesse previsto para toda a universidade desde o início do ano, afirma a Decana de Graduação, Paulina Targino.

As vantagens do sistema semi-seriado são as seguintes: os alunos têm suas vagas garantidas e o choque de horário deixa de existir nas disciplinas, o que vai influir na aprendizagem do aluno. Será estabelecido um fluxo de disciplinas para o estudante cursar no semestre, sem tirar a opção do aluno de ajustar o seu horário dis-

ponível ao oferecido, isto é, o módulo livre. Este módulo dá a oportunidade ao aluno para desenvolver a interdisciplinaridade, que é cursar disciplinas em outros departamentos. O módulo vai dar chance ao estudante para integração entre pesquisa, extensão e ensino como a graduação. O aluno terá que cursar no mínimo oito créditos e no máximo 24 neste módulo. Todos os cursos serão obrigados a ter algumas disciplinas nesse sistema. Se o aluno não quiser cursar, terá que se matricular em matérias optativas para completar os créditos. O básico geral deixa de existir e as disciplinas passam a ser optativas, exceto as de currículo mínimo.

Os departamentos terão até 15 de abril para mandar os currículos adaptados às novas estruturas que devem ser implementadas no segundo semestre de 88.

MARILDA VARGAS
MÁRIO TAFURI

	UnB's	FLAAC	CONSTITUINTE	SBPC	NOVO DCE	NOVA UNE	GREVES	MARAJÁ PARECE OS DEUS DA PAZ	RÁDIO UnB	
ESTUDANTES	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐ BOM
PROFESSORES	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐ INDIFERENTE
FUNÇÃO	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐ RUIM

Constituintes, marajás e picaretas, muita festa, muito curso, não há como negar que 87 na UNB foi um ano movimentado. Críticas não faltaram à comunidade universitária, como a falta de interesse e empenho, tanto de professores, quanto alunos e funcionários. Campus relaciona a seguir os eventos do ano e a repercussão que tiveram na UNB:

Campus

Funcionários não têm atenção do MEC

"Sequestraram a sogra e estão pedindo resgate ao genro". O reitor Cristóvam Buarque, dizendo esta frase na saída da solenidade de posse do novo presidente da ATA-FUB, Edmilson Rodrigues de Lima, e de sua diretoria, ao mesmo tempo em que acusava não ser a greve dos funcionários o melhor instrumento de luta, fazia a constatação de que o governo não está interessado no ensino público, preferindo deixar o destino da sogra na mão dos sequestradores. "Se os três segmentos da Universidade entram em greve, aí sim, o governo ia começar a se preocupar".

Na semana passada, uma ponta de esperança surgiu nos mares gelados da negociação. Foi formada uma comissão quadripartite, com representantes do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, da Federação dos Servidores e do MEC. Na sexta-feira houve um encontro com o ministro Hugo Napoleão, que pediu a minuta de um decreto onde estivesse contida a proposta dos funcionários, servindo como instrumento palpável de negociação. "Não sabemos se o governo quer mesmo negociar", colocou Flávio Tonelli, membro do Comando de Greve, que já teve mais de meia dezena de audiências com o Secretário de Ensino Superior, José Camilo Filho, sem uma contraproposta.

O descaso do governo é algo que começa e alertar as 32 Instituições Federais de Ensino que estão em greve. A maior arma do MEC é o tempo e ele está sabendo se utilizar da munição, simplesmente não dando ao movimento grevista a atenção que merece. O semestre letivo em todas as lés brasileiras está no ocaso e, junto com ele, um dos poderes de barganha dos grevistas. Fim do semestre, o governo espera que o movimento entre numa fase de inércia e esvaziamento.

O vestibular agora, em função deste jogo de pressões psicológicas, é a arma mais forte, e talvez a única, à disposição do Comando Nacional de Greve. O processamento dos cartões de vestibular, a fiscalização e a manutenção do sigilo das provas são atividades onde participam muitos funcionários, e, segundo o reitor da UnB, seria impossível substituí-los sem gastar um dinheiro do qual as Universidades não dispõem. Com esse trunfo nas mãos, a liderança grevista espera sensibilizar o Ministro da Educação, convencendo-o de que milhares de recém-formados secundaristas não podem esperar pelo acesso às Universidades e Faculdades. Uma situação em que se encontra a filha de 17 anos do próprio Ministro.

Mas esse trunfo não está alimentando a certeza de todos. Na parede da sala da ATA-FUB, ala sul do Mi-

nhocão, o quartel-general do CNC, alguns telex alertam para a dificuldade do momento. A "saída negociada" é o que propõe uma mensagem do Comando Local da Universidade do Rio Grande do Sul, sugerindo uma revisão no pedido de reajuste da tão bela salarial.

REPRESSÃO

Uma saída menos negociada para a greve tem sido dentro do próprio campus universitário. Na UnB, o reitor já começou a cortar o ponto dos vigilantes que não voltaram a trabalhar e anunciou que vai demitir aqueles que tenham trinta dias de falta. "O reitor não tem nenhum direito legal para cortar os pontos", argumenta o já empossado presidente da ATA-FUB. "A greve tem que ser julgada ilegal". Apesar da tranquilidade do Edmilson, ele denunciou que a proteção do patrimônio da Universidade está sendo feita por serventes de obras. Se isso realmente acontece, no mínimo, a Administração da Universidade está sendo incoerente, pois o Conselho Universitário decidiu convocar 54 vigilantes, explicando que o serviço de vigilância não pode ser exercido por qualquer um. Talvez a UnB também esteja pedindo ao genro um resgate em troca da sogra.

FLORIANO FILHO

Aluno desmotivado com professor

Os 66 professores que aceitaram participar da primeira avaliação do corpo docente feita pelo Conselho de Ensino e Pesquisa-CEPE no final do semestre passado, receberam este mês os relatórios com informações de seus alunos sobre seu desempenho pedagógico, capacidade de transferência de conhecimentos técnico-científicos e utilização de material de apoio didático. Participaram oito dos 44 departamentos da UnB, num total de 81 turmas e 908 entrevistados.

O questionário procura avaliar também as atitudes do professor, características da disciplina, infra-

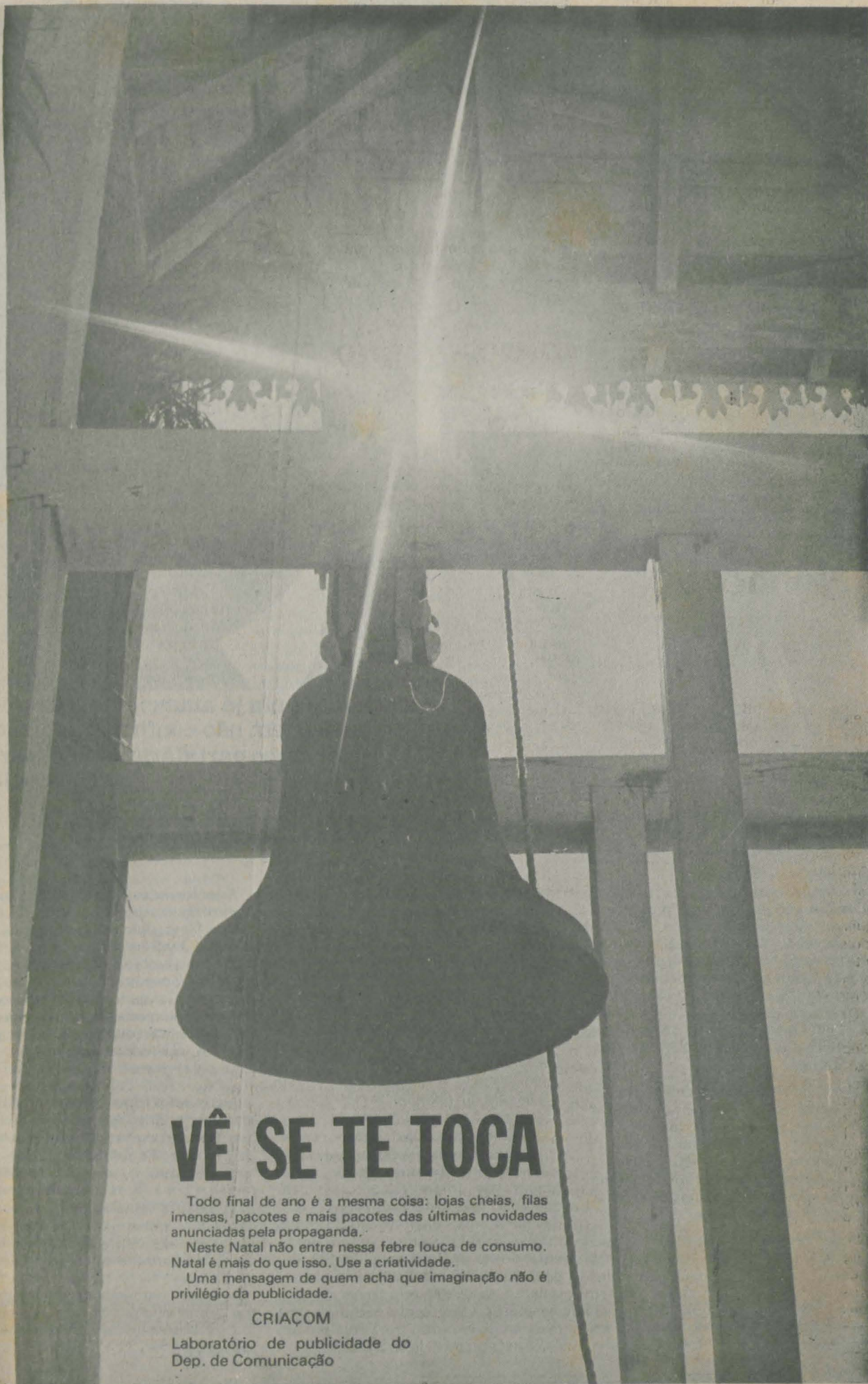
estrutura da universidade e traz ainda uma auto-avaliação do estudante. Esta e a auto-avaliação dos professores foram as únicas partes do trabalho que tiveram seus resultados divulgados pelo CEPE. A idéia da Comissão de Avaliação Institucional é atrair primeiro o corpo docente e depois toda a comunidade, num processo total de levantamento dos problemas da Universidade de Brasília, incluindo ensino, pesquisa, extensão e administração.

Segundo a coordenadora da comissão, Isaura Beloni, este primeiro teste pôde comprovar a penetração do instrumento de pesquisa e notar

uma boa receptividade de estudantes e professores para esse tipo de trabalho que desperta os interesses para a discussão dos problemas das universidades.

Em sua auto-avaliação os alunos declararam-se bastantes desmotivados em realizar atividades adicionais para ampliar seus conhecimentos na área e até mesmo para desenvolver as atividades previstas na disciplina. Nos departamentos de Geologia, Nutrição e Engenharia Mecânica esta foi uma constante nas respostas dos alunos em final de curso.

OSWALDO BUARIM JUNIOR



VÊ SE TE TOCA

Todo final de ano é a mesma coisa: lojas cheias, filas imensas, pacotes e mais pacotes das últimas novidades anunciadas pela propaganda.

Neste Natal não entre nessa febre louca de consumo. Natal é mais do que isso. Use a criatividade.

Uma mensagem de quem acha que imaginação não é privilégio da publicidade.

criaCOM

Laboratório de publicidade do
Dep. de Comunicação

UnB quer presidenc

Se fosse realizada uma enquete dos resultados desta pesquisa perguntando quem venceu a disputa dos presidenciais na UnB, provavelmente a maioria não acertaria. Com 11% da preferência, o superintendente do maior grupo privado nacional — Votorantim —, Antônio Ermírio de Moraes, deixou para trás uma esquerda fragmentada na votação dos estudantes. O resultado torna-se mais surpreendente diante da recente votação ao Diretório Nacional dos Estudantes — DCE — da UnB, onde a chapa "Até Quando Esperar" venceu. Na chapa, a maioria dos membros identifica-se com a Convergência Socialista, linha trotskista alinhada à sigla do PT.

Significativa também é a indefinição política dos estudantes. Exatamente 24% — quase um quarto — não saberiam em quem votar. Outros 14,5% simplesmente votaram em branco. Mesmo assim, é inquietante observar estudantes universitários, que habitam uma instituição que pretende ser vanguarda no País, identificarem no empresário Antônio Ermírio a pessoa ideal para ocupar o posto de presidente da República. Mais ainda: dos 11% que querem Ermírio, 66% se declaram presidencialistas.

O que levaria o estudante universitário de Brasília a votar num empresário bem-sucedido, quanto há um ano, nas eleições de novembro de 86, o Plano-Piloto votou maciçamente na esquerda, guiando ao Congresso o jovem deputado comunista Augusto Carvalho? O descrédito nas pessoas ligadas ao governo permanece. O tricoroadado deputado Ulysses Guimarães recebeu apenas 0,7% dos votos, menos que o controverso pedessista Paulo Maluf, que obteve 1%. O atual ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, que já afirmou ser candidato à presidente caso as bases pefelistas confirmem seu nome e o sistema de governo continue presidencialista, con-

seguiu somente 2%.

É bom lembrar que na eleição do DCE a chapa "Começar de Novo", rotulada pelas outras de "direita" e que propunha um DCE apartidário, obteve um segundo lugar, a despeito de denúncias de fraude. E o quorum não passou de 36% dos estudantes, revelando uma imensa maioria silenciosa de contornos políticos indefinidos. Esclarecedora é a indicação de Antônio Ermírio para paraninfo na turma de formandos do curso de Relações Internacionais, caso o cientista político Celso Lafer não aceite.

"Talvez o resultado reflita muito o momento de desilusão com as práticas políticas, onde os meios de comunicação forçam o entendimento de que o País é uma espécie de empresa na qual um homem bem-sucedido nos seus negócios poderia ser um bom administrador do País", analisa o ex-deputado do PMDB gaúcho e atual coordenador-geral do Centro de Estudos de Acompanhamento da Constituinte — CEAC —, João Gilberto.

Não é difícil ver que o nome de Antônio Ermírio emergiu de uma fórmula simples: o descrédito na classe política, que ele tanto ataca, somado aos votos liberais.

A partir daí, vem uma pergunta crucial. Como será numa eleição em dois turnos? A Assembleia Constituinte provavelmente manterá tal sistema de votação, pois assim os moderados e a direita pensam afastar o fantasma brizolista. Mas as esquerdas conseguirão fazer alianças? A incógnita maior ainda é a duração do mandato do presidente José Sarney, que definirá a corrida presidencial. Mesmo com todas essas variáveis, causa surpresa ver na universidade federal na capital da República uma nítida tendência liberal identificada com o empresário Antônio Ermírio de Moraes.



PERFIL

ERMÍRIO

O empresário

Na corrida pela sucessão do presidente José Sarney, o empresário Antônio Ermírio de Moraes é, entre os candidatos que ocupam as ráias da direita, um dos favoritos. Patrocinado pela Votorantim, maior grupo privado nacional, Ermírio recebe também o apoio da poderosa União Brasileira de Empresários (UBE), garantia de suporte financeiro para uma campanha milionária.

Em um país marcado pela má administração e pela corrupção, Ermírio tem suas chances aumentadas por uma imagem de empresário bem-sucedido e sem culpa no cântoro. Embora em 86 tenha perdido a eleição estadual para Orestes Quêrcia, Ermírio foi o candidato que mais votos conseguiu dentro da capital paulista. Além das duras críticas que faz aos políticos profissionais, seu discurso será agora acrescido de uma forte oposição ao Governo Sarney e à atual política econômica.

Entre os políticos, os principais articuladores da candidatura de Ermírio são os ex-ministros Delfim Netto e Marco Maciel, este último presidente nacional do PFL. Com

seu estilo discreto, Maciel trabalha o nome do empresário e enfraquece as pretensões de Aureliano Chaves, hoje o mais provável candidato de seu partido.

COVAS

O orador

Legítimo representante do histórico MDB que resistiu à ditadura militar, o senador Mário Covas entra na corrida presidencial com um forte cacife: os quase oito milhões de votos que recebeu nas eleições do ano passado, a maior votação já recebida por um político brasileiro.

Dono de um poderoso discurso que o ajudou a derrotar Luiz Henrique, candidato de Ulysses Guimarães à liderança do PMDB na Constituinte, Covas dificilmente conseguirá a legenda de seu partido para disputar as eleições presidenciais. Suas dificuldades aumentaram recentemente por ter retirado parte da bancada pemedebista do

plenário da Constituinte, recusando-se a negociar com o "Centrão". Com esta atitude, o senador paulista afastou-se dos moderados do seu partido, mas ganhou preciosos pontos em toda a esquerda, onde poderá conseguir valioso apoio, principalmente para um possível segundo turno. Sem o PMDB, Covas provavelmente arriscará sua candidatura pelo pequeno PSB.

Se a imagem de coerência com o PMDB autêntico garante a Mário Covas grande prestígio eleitoral, outra característica sua pode atrapalhar seu desempenho nas urnas: há cerca de três meses foi operado em São Paulo, recebendo duas pontes de safena. A síndrome de Tancredo Neves pode amedrontar o eleitor indeciso.

BRIZOLA

O engenheiro

Terceiro colocado nas preferências dos estudantes da UnB para a presi-

dência da República, o ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, é a grande paranoia da direita e dos setores mais radicais das forças armadas. Com reconhecida capacidade de angariar enxurradas de votos com seu apimentado discurso, o "engenheiro", no entanto, é muito mais caracterizado pelo seu personalismo do que por supostas posições de esquerda.

Apesar disso, é principalmente na esquerda que Brizola tentará conseguir os votos de que precisa para tornar-se presidente da República, cargo que perseguiu desesperadamente desde que voltou do exílio em 1979. Formado à imagem e semelhança do ex-governador, o PDT ainda é um partido pequeno para as ambições de Brizola. Por isso, caso as eleições sejam no ano que vem, sua campanha será acoplada à dos candidatos às prefeituras de todo o país, principalmente nas capitais, onde a máquina do PDT está melhor estruturada.

Com bases eleitorais significativas apenas no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, Brizola tem evitado críticas pessoais mais pesadas aos adversários políticos, numa tentativa de viabilizar, para o segundo turno, alianças que vão, desde o PT, até parte do PMDB e do empresariado nacional.

LULA

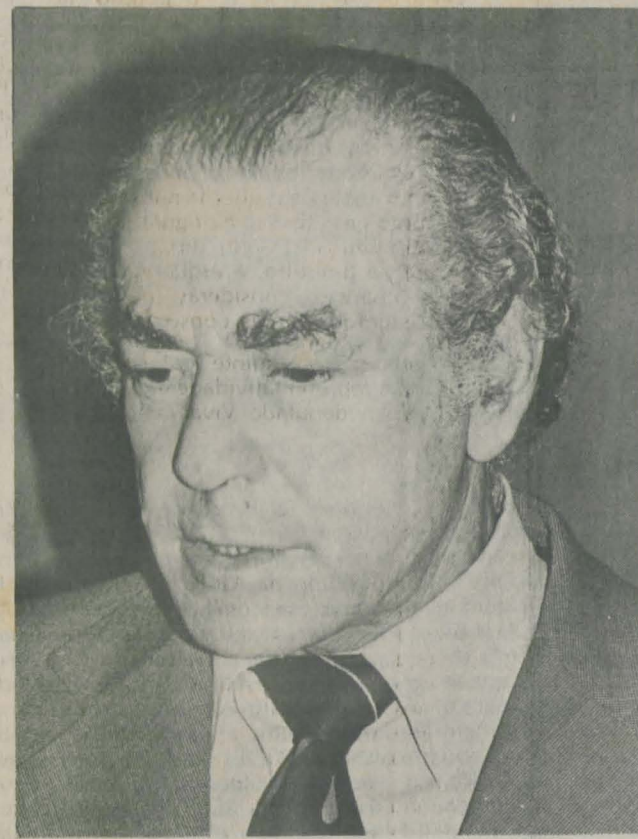
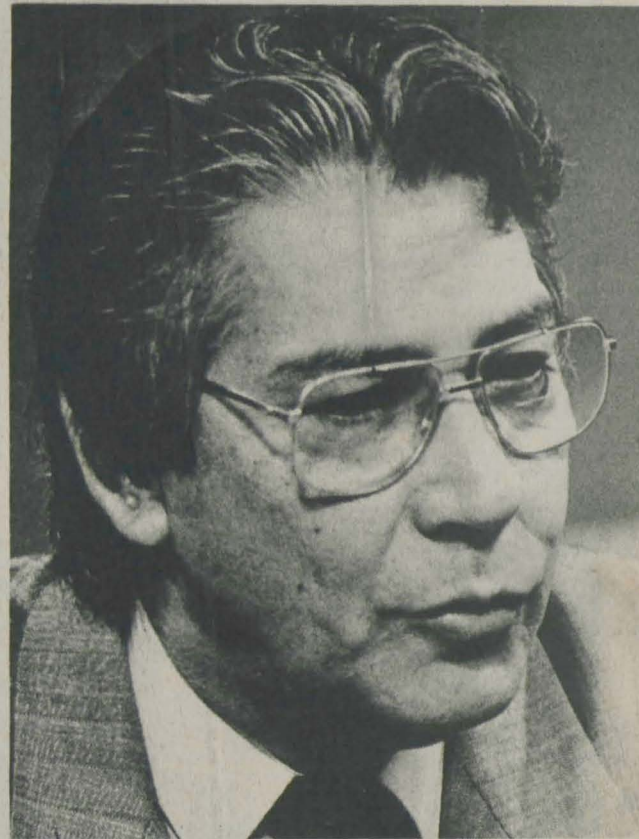
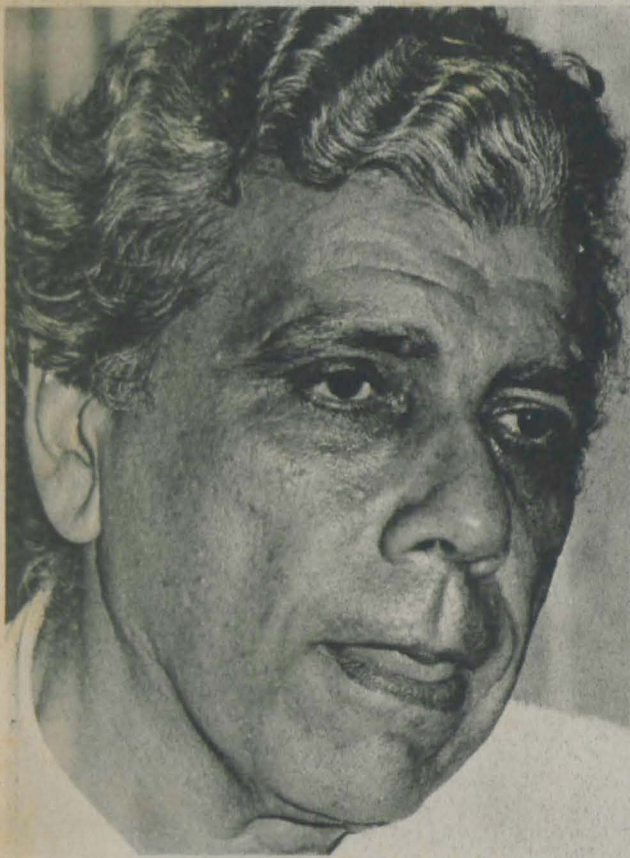
O Metalúrgico

Primeiro candidato a ser lançado oficialmente para a presidência da República, o ex-metalúrgico Luiz Inácio "Lula" da Silva tem poucas chances de chegar ao Palácio do Planalto na eleição prevista, a princípio, para o ano que vem. Marcado por uma imagem de radicalismo, seu partido, o PT, pretende fazer da candidatura de Lula a

ponta de lança para a eleição de prefeitos e vereadores em todo o país. Nas eleições para a Constituinte, Lula foi deputado federal mais votado, com mais de 600 mil votos, conseguindo a rasta, pela sublegenda, outros campeonhos de seu partido para o Congresso Nacional.

Com o fracasso do governo Sarney a tendência do PT é alcançar nos próximos anos, significativo crescimento. O partido recusou-se a ir ao Colégio eleitoral que elegeu Tancredo Neves, desde o início, o "Plano Cruzado". Se, antes, essas duas atitudes foram interpretadas como radicalismo, hoje, podem ser computadas, em votos, como coerência e firmeza ideológica.

Consciente das poucas chances que tem, o PT, apesar das divisões internas, parece estar disposto a fazer aliança para o segundo turno, prática não adotada nas eleições anteriores. Esta hipótese beneficiaria Mário Covas ou Leonel Brizola, dependendo dos resultados da primeira etapa.



Enquanto Lula já anunciou sua candidatura à presidência da República, Ermírio insiste em não confirmar a picada da mosca azul. Covas ainda procura um ninho partidário estável para alçar voo e Brizola está à espreita dos acontecimentos políticos.

Critério garante confiabilidade

A pesquisa da editoria de Política do Campus entrevistou, com a colaboração dos alunos da disciplina "Pesquisa de Opinião e Mercadologia", um total de 392 estudantes da UnB, selecionados através de amostragem probabilística sistemática. Para chegar até os estudantes, o Campus sorteou 57 turmas entre as 1.674 oferecidas neste semestre pelos 44 Departamentos da Universidade de Brasília.

Tomando a lista de oferta dos cursos de graduação (excluindo o Departamento de Comunicação, que produz o Campus) e estimando uma média de 20 alunos por turma, pretendia-se entrevistar dez por cento dos alunos matriculados nas disciplinas oferecidas pela UnB neste semestre.

Para completar este total, necessitaríamos de 47 turmas em nossa amostra mas, decidimos somar mais 10 turmas (20% adicionais) como margem de segurança, já que muitas turmas são canceladas ao longo do semestre enquanto outras, como "Estágio Supervi-

sionado", só têm atividades práticas e seus alunos não são encontrados em sala de aula.

Dividindo o total de 1.674 turmas por 57 (turmas a serem sorteadas), obtivemos o número 29, intervalo da amostra. Sorteamos então um número entre 1 e 29 (na nossa amostra, o número sorteado foi 22) e encontramos a primeira unidade. A partir deste primeiro número sorteado, cada 29ª turma da lista era incluída na amostra.

Durante o trabalho de campo, entretanto, houve uma expressiva perda de elementos da amostra porque várias turmas não foram encontradas, enquanto a maioria das turmas entrevistadas tinha uma média de alunos muito inferior a 20 estudantes. Assim, entrevistando no final da pesquisa 392 alunos, alcançamos 4,4 por cento da população de 8.900 estudantes de graduação da UnB, o que significa uma margem de erro de 5 por cento em um grau de confiança de 95 por cento.

As entrevistas foram aplicadas pelos alunos do curso de Pesquisa de Opinião e Mercadologia nas salas de aula de toda a UnB, durante a semana de 23 a 29 de novembro, sob a supervisão do professor Gonzaga Motta, do Departamento de Comunicação. A tabulação, análise e interpretação foram feitas pelos alunos da Editoria de Política do Campus, que editaram também o material para o jornal.

A greve dos funcionários da UnB durante parte do semestre letivo prejudicou sensivelmente o desenvolvimento da pesquisa. Primeiro, muitas disciplinas passaram a funcionar precariamente e por isto, não foram encontradas quando selecionadas pela amostra. Segundo, os dados tiveram que ser tabulados e processados manualmente pelos próprios alunos porque o Centro de Processamento de Dados da UnB não estava funcionando. Isto aumentou a possibilidade de erros nos cálculos da pesquisa mas, não invalidou seus resultados.

A leitura correta da Pesquisa

GONZAGA MOTTA
Professor de Pesquisa
de Opinião e Mercadologia

Nos últimos anos, a imprensa brasileira tem utilizado cada vez mais pesquisas de opinião para repercutir os grandes eventos nacionais ou para gerar notícias que ocupem as manchetes de primeira página dos jornais. Os editores se valem da magia dos números para atrair e impressionar seus leitores.

Um dos quatro grandes jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo, criou até um departamento de pesquisa próprio, a DataFolha, que emprega estatísticos, analistas, sociólogos, além de jornalistas especializados na interpretação das pesquisas, evidenciando a incorporação definitiva de métodos científicos no jornalismo. Os outros jornais não chegaram a tanto mas continuam contratando os institutos para fazer suas pesquisas.

O jornal Campus, acompanhando

a tendência da imprensa de aproveitar os métodos científicos para ouvir o público, realizou há duas semanas, com a colaboração dos alunos da disciplina Pesquisa de Opinião, sua primeira pesquisa entre os estudantes da UnB para identificar as tendências políticas dos alunos, num momento sensível da política nacional.

Apesar do uso de métodos científicos empregados, os resultados do nosso levantamento publicados nesta página têm de ser interpretados com cautela. O trabalho de campo da pesquisa enfrentou problemas para encontrar as turmas sorteadas na amostra. Além disso, a baixa frequência dos alunos neste final de semestre revelou que a média de alunos em sala de aula foi muito menor do que o esperado.

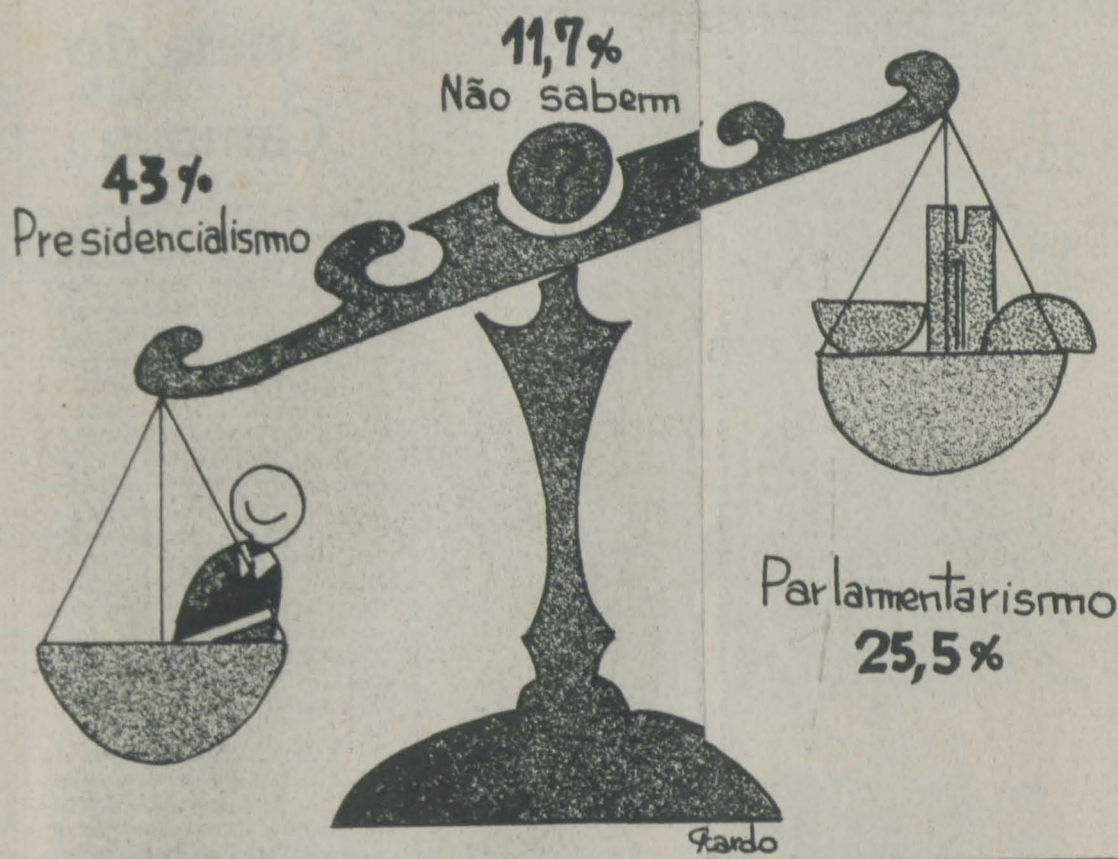
A amostra, inicialmente calculada para cobrir 930 estudantes, caiu para apenas 392, aumentando a margem de erro de 3 para 5%, num nível de confiança de 95%. Por outro lado esta margem de erro é ainda perfeita-

mente tolerável, como é praxe nas pesquisas sociais.

Isso significa que, ao analisarmos os dados da pesquisa, sabemos apenas que há uma clara tendência para o presidencialismo como sistema de governo entre os estudantes, podendo esta preferência variar entre 38 e 48 por cento. Ficamos sabendo também que a maioria dos alunos da UnB não se definiu ainda por um candidato à presidência da República, maioria que varia entre 33,5 e 43,5% (somando-se os que disseram "não sei" com as respostas em branco). Entre os candidatos mais votados, a única margem expressiva é entre Antônio Ermírio e Covas mas a diferença de apenas 4% pode não ser real considerando-se a margem de erro da amostra. Além disso, deve ser lembrado, a pesquisa foi feita pelos alunos da disciplina "pesquisa de Opinião e Mercadologia", do Departamento de Comunicação, e a sua finalidade é principalmente didática.

ialismo com Ermírio

Qual o sistema de governo de sua preferência?



O presidencialismo é o sistema de governo preferido pela maioria dos estudantes UnB. Segundo atestou a pesquisa, 43% dos alunos da universidade querem que o presidencialismo continue, enquanto apenas 25,5% desejam uma mudança para o parlamentarismo. A opção fica ainda mais nítida quando notamos que nem mesmo o acréscimo do percentual de pessoas que não souberam escolher o sistema de sua preferência seria suficiente para reverter a tendência para o regime de gabinete.

Os estudantes têm menos dúvidas para escolher o sistema de governo do que o presidencialismo de sua preferência. O percentual dos que responderam 'não sei' ao sistema cai para 11,7%. É relevante o fato de que 51% dos que não souberam responder quem desejariam ver na presidência da República não têm dúvidas em indicar o presidencialismo como o sistema ideal, quase o dobro dos 27% que marcaram parlamentarismo.

A preferência pelo presidencialismo se reflete também na opção pelos candidatos. Apenas o nome de Fernando Henrique Cardoso, entre os mais votados, foi indicado nitidamente para encabeçar um sistema parlamentarista. 53,8% dos que votaram no senador paulista desejam que ele sente na cadeira de Chefe de Estado, contra apenas 15,3% de presidencialistas. Já os candidatos Mário Covas e Luis Inácio "Lula" da Silva dividiram as opiniões de seus eleitores. O senador mais votado da história do país teve uma ligeira preferência para um sistema presidencialista, com 50% contra 46,4%. O líder do PT foi a grande surpre-

sa, já que nada menos que 50% dos que nele votaram preferem que ele comande um governo parlamentarista. O presidencialismo é a preferência de outros 45%. Mesmo se considerarmos a margem de erro, é possível detectar nesse caso uma certa desinformação por parte dos estudantes no que diz respeito à chefia do executivo num regime de gabinete. A confusão quanto aos papéis do Chefe de Estado e do Chefe de Governo podem explicar não só a votação de Lula como também o fato de que nada menos de 27% dos que escolheram Brizola preferem vê-lo num regime parlamentarista.

A votação dos demais candidatos é francamente presidencialista. É a preferência de 61% dos que votaram em Leonel Brizola, subindo para 66% com Antônio Ermírio de Moraes e atingindo o patamar de 75% com Orestes Quêrcia e Aureliano Chaves. É interessante que nenhum dos eleitores de Aureliano optou pelo parlamentarismo, enquanto 25% dos que nele votaram simplesmente não sabem que sistema de governo querem para o atual ministro das Minas e Energia.

Quando analisamos a votação dos presidencialistas em relação ao sistema de Governo verificamos uma mudança significativa. Leonel Brizola salta para a segunda posição na preferência dos presidencialistas, com 11,6% contra 20,4% de Antônio Ermírio. Por outro lado, Mário Covas é o preferido entre os parlamentaristas, com 18,3% do total, seguido por Lula com 14%. Ermírio cai para a terceira posição, com 11,2%, quase a metade do percentual obtido entre os presidencialistas.

Você votaria na Magda Cotrofe?

Quem seria capaz de imaginar uma nação parlamentarista onde Magda Cotrofe fosse a presidente? Se Margaret Thatcher pode ser primeira-ministra e a dublê de deputada Cicciolina está quase chegando lá, por que não "La Cotrofe"? Parece loucura, mas essa é a "solução" que um dos estudantes da UnB encontrou para os problemas do Brasil...

A irreverência dos entrevistados sempre esteve presente nas pesquisas de opinião. Mas, em se tratando de candidaturas a cargos eletivos, a brincadeira merece uma análise mais profunda. Céticos, os eleitores, que não conseguem levar nenhum potencial candidato a sério, protestam à sua maneira: com bom-humor. Foi assim, que, nos anos 60, o rinoceronte Cacareco, superando todas as expectativas, foi um dos "deputados" mais votados em São Paulo. Hoje, os universitários votam em He-Man, Adolf Hitler, Madre Teresa de Calcutá e até mesmo (quem diria?) no Ricardão — o outro — e no Editor do CAMPUS.

Alguns, egocêntricos, votaram em si mesmos. Um deles inclusive declara-se presidencialista, mas afirma que seu voto é sincero e ainda comenta: "acho que estou apto a governar". Já dizia De Gaulle que esse não é um país sério...

Em momentos de crise, brincar é preciso; acreditar não é preciso. Frente aos onze nomes

de virtuais candidatos que a pesquisa do CAMPUS apresentou, vários entrevistados preferiram não escolher ninguém. Alguns candidatos, inclusive, mereceram atenção especial: algum eleitor desiludido, faz esse personagem anônimo, bas Passarinho é o "que é voando", Leonel Brizola é o "pozinho", Lula é "trambiquei" e Mário Covas "está com oê na cova". Quanto a Orestes Quêrcia, o comentário resume-se a uma palavra: "credo". Ainda sobrou ânimo para dizer que "Deus me livre de Ulisses Guimarães".

E os comentários não ficam por aí... Alguém afirma que "tá com oê na cova", Lula é "trambiquei" e Mário Covas "está com oê na cova". Quanto a Orestes Quêrcia, o comentário resume-se a uma palavra: "credo". Ainda sobrou ânimo para dizer que "Deus me livre de Ulisses Guimarães".

Parlamentaristas, presidencialistas, socialistas e anarquistas, muitos dos eleitores que circulam pelos corredores da UnB não se mostrando completamente descrentes da seriedade dos nossos políticos. Por isso, brincam e tratam com ironia — por vezes feroz — os virtuais candidatos a chefe do executivo. De 392 questionários respondidos, 57 votaram em branco e 20 cheados de respostas "irreverentes". Retratos de uma crise que não é só política. Retratos Brasil.

Político vê conservadorismo

"É um desconhecimento total de ciência política e história. Estou muito espantado". Com essa declaração, o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), um dos mais ardorosos defensores do sistema parlamentarista de Governo, reagiu ao resultado da pesquisa feita na UnB que revela uma incontestável preferência dos estudantes desta universidade pelo presidencialismo. "Eles não podem opinar sobre uma coisa que não conhecem", rebate o senador.

"É uma visão equivocada do estudante", atesta o deputado Amaury Müller (PDT-RS), para quem a escolha de Ermírio entre os postulantes ao cargo de presidente da República, ainda segundo a pesquisa, "ou é uma forma de protesto ou uma alienação mesmo". Amaury culpa "a campanha sordida da grande imprensa contra a classe política" pelo resultado da votação. Para Afonso Arinos, no entanto, "não há hoje nenhum presidencialista popular". "Ermírio representa a eficácia e é um líder, só que em uma área diferente", arremata o senador.

No gabinete do senador Mário Covas (PMDB-SP), líder do partido na Constituinte, uma surpresa. "Os alunos da UnB fizeram uma boa escolha", opinou uma das secretárias de Covas. E acrescentou: "O senador vai gostar de saber disso". A reação é até certo ponto justificável, já que o senador paulista teria mais chances de angariar o apoio da esquerda num segundo turno caso tivesse na figura do empresário seu adversário direto. Como revelou a pesquisa, a esquerda unida teria chances consideráveis contra uma candidatura mais conservadora.

Nenhum constituinte colocou em dúvida a representatividade da pesquisa, mas o deputado Vivaldo Barbosa

(PDT-RJ) acha que no momento as pesquisas de opinião estão trabalhando com uma margem de erro muito grande, o que "coloca em risco a validade de seus resultados". Segundo o parlamentar, o quadro só vai estar definido depois que as candidaturas forem lançadas oficialmente pelos partidos em suas convenções e a campanha eleitoral ganhar efetivamente as ruas. O PDT, ninho da candidatura de Leonel Brizola, fechou com o presidencialismo, mas para Amaury Müller, um brizolista ferrenho, é necessário um "presidencialismo modernizado, sem a atual hipertrofia herdada do regime militar".

A fraca votação de Quêrcia na pesquisa contrariou alguns deputados do PMDB que apostam na sua candidatura. Eles preferem esperar "o tempo abrir mais um pouco" para que as pesquisas passem finalmente a refletir uma tendência confiável. "Mas se o Quêrcia ganhou o governo de São Paulo de Antônio Ermírio, porque não ganharia a presidência da República?", desafia um deputado.

"Há um desencanto com o processo, uma falta de interesse de participação", avalia o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE). Para ele, a pesquisa expõe um "processo de alienação" dos estudantes. Embora surpreso com a votação de Ermírio, Lyra acredita na possibilidade de Mário Covas e Leonel Brizola aglutinarem forças no segundo turno de uma eleição presidencial como forma de conter os votos conservadores. O CAMPUS não conseguiu falar com Antônio Ermírio, mas, embora negue ser um animal político, já adquiriu um hábito da espécie. Em plena campanha eleitoral, ainda ousa negar sua candidatura.



"É um desconhecimento total. Estou espantado".



"Há um processo de alienação e um total desencanto".

Vai haver mesmo eleição?

A valer o que foi aprovado na Comissão de Sistematização, as eleições para presidente da República em 88 estão garantidas. Mas os defensores das diretas-88 já começam a temer pela realização das eleições. O vice-líder do PDT, Vivaldo Barbosa, acusa formalmente o chamado "centrão" de estar fazendo o jogo dos cinco anos ao inviabilizar a aprovação final do regimento interno da Constituinte, já adiada para janeiro.

Enquanto os prazos se ampliam — com a não-aprovação do regimento, o prazo para emendas só começa a correr em janeiro e o plenário só começa, assim, no final daquele mês — os deputados que têm emendas pedindo os cinco anos para o governo Sarney podem, folgadoamente, levantar o número de assinaturas necessárias, 280, para dar à emenda a preferência automática no plenário.

No centrão, já se fala em promulgar a Constituição em julho, o que praticamente inviabilizaria as diretas ano que vem. Nas mãos do Centrão, uma outra arma: a do quorum. Com a sua massa de constituintes, o Centrão pode dar ou negar quorum às votações, transformando a votação da Constituição no plenário num jogo de empurra pra frente cansativo, desgastante, para os partidos pequenos e para o PMDB. Um jogo de cartas marcadas mas com um objetivo bem claro: garantir ao ocupante do Palácio do Planalto mais dois anos no cargo.

Resultado divide reitoria

Para o reitor da UnB, Cristóvam Buarque, a decana de Ensino e Graduação, Paulina Targino e o prefeito do Campus, Érico Siegmund Weidle, a vitória do empresário Antônio Ermírio de Moraes causou surpresa. Já entre os decanos de Pesquisa e Pós-graduação, Isaac Roitman, e de Extensão, Volney Garrafa, e o vice-reitor, João Cláudio Todorov, o resultado da pesquisa foi considerado "normal" e "natural".

"Há uma boa quantidade de estudantes do Lago Sul", justifica sorridente Volney Garrafa, que lamentou a fragmentação dos votos esquerdistas. Isaac Roitman, por sua vez, argumenta que os estudantes não pensaram antes de responder. "Falta amadurecimento político", afirma. E o vice-reitor Todorov acrescenta: "Ermírio é o nome da posição de centro".

Mas o reitor não vê dessa maneira. Para ele, a escolha de Ermírio reflete a desconfiança em relação às instituições políticas, fazendo com que os estudantes vejam nele o candidato que não faz parte disso. "Preocupa-me, queramos ou não, é que precisamos de um presidente político e não gerente, porque o gerente resolve problemas de sociedade quando ele tem esses problemas claros", sustenta Cristóvam. "Como há conflitos internos, não há gerente que consiga pôr ordem", conclui.

PRESIDENCIALISMO

Na escolha do sistema de governo, que recaiu sobre o presidencialismo, decanos, prefeito, vice-reitor e reitor não estranharam os resultados da pesquisa. "A opção dos estudantes é coerente", acredita Paulina Targino. "Quem defendeu eleições diretas, não

vai defender o parlamentarismo", raciocina. Segundo Todorov, a proposta parlamentarista nasceu de conflitos internos da própria Assembleia Constituinte e não terá respaldo popular.

Todos os decanos e vice-reitor afirmaram preferência pelo presidencialismo. A única exceção foi o reitor, que considera o parlamentarismo "mais elegante, estável e eficiente". Mas, mi-

neiramente, acrescenta que "atualmente ele é visto com desconfiança pelo povo e assim carece de legitimidade".

Em caso de votar para presidente, todos, a princípio, preferiram não opinar. Mas, após insistência, Volney Garrafa revelou que apoiaria o governador da Bahia, Waldir Pires, "se fosse candidato". O decano de Pesquisa e Pós-graduação olha com simpatia a

dência para o presidencialismo", raciocina Fleischer.

David Fleischer acha que o grande problema reside no fato do jovem de hoje ser muito desinformado sobre política e que a pesquisa captou essa desinformação quando 24% dos pesquisados responderam "não sei" quanto ao candidato a presidente. Segundo David, essa resposta sugere duas hipóteses: a primeira é que os entrevistados ainda não tenham definido os seus candidatos e a segunda, e mais provável, é que eles realmente desconheçam a realidade política brasileira.

Quanto aos 11% de votos dados a Antônio Ermírio de Moraes, o que o coloca como o candidato mais votado na pesquisa, David Fleischer explica que isso reflete o caráter do empresário Antônio Ermírio de Moraes, que "projeta a imagem de uma pessoa limpa, que ainda não saiu as mãos com a política". Antônio Ermírio, ainda segundo Fleischer, procura se mostrar à margem do sistema político, o que ofe-

rece uma certa fascinação devido à repulsa social aos políticos profissionais. Fleischer atribui a boa votação de Mário Covas, o segundo colocado na pesquisa, à sua liderança dentro do maior partido na Constituinte, além do fato de ser um político muito enforcado pela mídia e de ter uma grande força na oratória.

David Fleischer não se revelou surpreso com os resultados da pesquisa pois, segundo ele, o universitário está desiludido com a classe política de modo geral. Para o cientista, isso revela uma "falência total" dos políticos, que "não têm condições de resolver o problema do Brasil". A escolha de um empresário bem-sucedido reforça o argumento de que o "Brasil precisa é de gerência". Mas David Fleischer faz um alerta: "Nem sempre pode-se afirmar que um empresário bem-sucedido será um político de sucesso, assim como não se pode afirmar que um político bem-sucedido será um bom empresário".

O Brasil é uma empresa?

O cientista político e professor do Departamento de Relações Internacionais David Fleischer acha que, apesar da amostragem ser razoavelmente pequena, pode ser o reflexo de uma tendência global. Ele acredita que o universitário, hoje, não está acompanhando a atualidade política e econômica do Brasil e que nem ao menos sabe as diferenças entre parlamentarismo e presidencialismo, pois, se soubesse "esse resultado poderia ser outro".

Segundo ele, a vitória do presidencialismo na pesquisa está muito ligada ao fato do jovem nunca ter votado. Como o universo entrevistado — a universidade — é composto quase que totalmente por pessoas que nunca votaram para presidente, há uma ansia de votar e escolher o chefe do Executivo. "Encurtando o mandato do presidente José Sarney, o calendário eleitoral é adiantado e isso traz para a realidade do estudante a expectativa de votar no ano que vem, o que favorece uma ten-



PESQUISA

Professor lê mais o Campus do que aluno

Uma das preocupações do Campus é com relação a imagem que passa a seus leitores. Através desta pesquisa de opinião fica provado, que tanto alunos quanto professores estão satisfeitos com o jornal em vários aspectos. Os funcionários não puderam ser ouvidos por causa da greve. Vamos aos resultados:



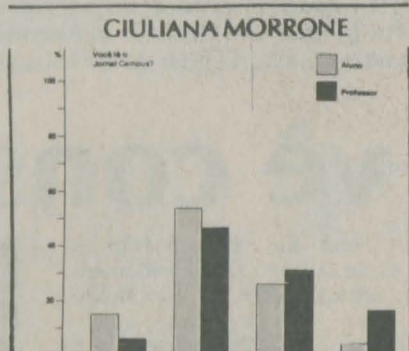
O reitor da UnB, Cristóvam Buarque, um perito em frases de efeito, despejou em outubro de 86 através do Jornal do Brasil, um desafo à comunidade universitária: "Não adianta impor-lhes o que não querem", lamentou Cristóvam ao se referir à pouca participação dos alunos no debate sobre constituinte, que mobilizou mais gente de fora do que da própria universidade. Cristóvam devolveu o desinteresse com uma proposta: "A opção da UnB é pelo público externo".

O debate acabou, a Constituinte já está no meio do caminho, mas às vezes parece que os estudantes ainda não saíram do ponto de partida, no que diz respeito a participação e interesse. Esta impressão fica nítida com a apuração dos resultados da pesquisa sobre o jornal Campus. Das perguntas respondidas pelos alunos, 40% delas tiveram um índice bastante alto de respostas em em branco. Só pra dar um exemplo, dos 450 alunos, 267 não sabem apontar qual a maior falha do Campus e simultaneamente outros 59,3% não responderam o que gostariam de ver e não encontram no jornal. Se eles não sabem dizer o que há de errado nem o que pode melhorar no Campus, fica difícil fazer qualquer avaliação.

Esses percentuais, nas respostas dos professores, foram sensivelmente

reduzidos.

Mas, além do alto número de respostas em branco, que pode ser justificado pelo desinteresse, falta de tempo ou até mesmo uma possível falha metodológica da pesquisa, outro ingrediente contribuiu para constatar o descaso em responder às perguntas: a mediocridade dos comentários escritos no questionário. Uma aluna da Letras, do 5º semestre fez duras críticas ao Campus, reclamou do "jeito" do jornal e disse que faltavam coisas "interessantes". Mas, além dos crassos erros de português, as pérolas não param aí. Um estudante de Direito, que está na UnB desde 1973, respondeu sobre a periodicidade com que lê o jornal com uma única palavra: "advertência". Dá pra entender?



Etapas da pesquisa decididas em aula

A pesquisa sobre o índice de leitura e a imagem do jornal Campus junto a comunidade acadêmica foi realizada pelos alunos da disciplina Pesquisa de Opinião e Mercadologia do Departamento de Comunicação, durante o corrente semestre, sob a supervisão do professor Gonzaga Motta.

Foram entrevistadas 451 pessoas, sendo 48 professores e 413 alunos de todos os cursos da Universidade de Brasília, selecionados através de uma amostra probabilística proporcional. A margem de erro tolerada foi de 54%, com um nível de confiança de 95%.

Os professores entrevistados foram selecionados através de uma amostra aleatória simples, utilizando-se para isto uma lista fornecida pela Administração da UnB. Os alunos, através de uma amostra sistemática (com intervalos regulares) das turmas oferecidas pela UnB neste semestre, conforme relação da Lista de Ofertas. Todos os alunos das turmas selecionadas foram entrevistados. Os funcionários foram excluídos por estarem em greve.

A pesquisa teve um caráter essencialmente didático e todas as suas etapas foram discutidas e decididas

em sala de aula, pelo coletivo dos alunos. O conteúdo do questionário foi decidido em reuniões conjuntas com os editores do jornal Campus e o questionário foi submetido a um pré-teste junto aos alunos do Departamento de Comunicação, posteriormente eliminado da amostra definitiva porque seus alunos e professores estão demasiadamente envolvidos com o objeto da pesquisa, o jornal.

Devido à greve dos funcionários, que paralisou também o Centro de Processamento de Dados da Universidade de Brasília, a tabulação e processamento dos Dados foi feita manualmente pelos alunos, aumentando a possibilidade de pequenos erros nos cálculos. O fato do questionário ter sido aplicado em salas de aula já no final do semestre letivo e num período de greve de funcionários prejudicou o rendimento do trabalho de campo. O número de alunos presente nas salas de aula neste período é menor, e muitos se negam a responder ou respondem apressadamente, por causa do aperto com as tarefas de fim de semestre. Isto implicou um aumento da margem de erro de 3% (estabelecida inicialmente) para 5%, o que, entretanto, não invalida os resultados obtidos.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Você lê o jornal Campus?

Nunca 14.5% Raramente 52.9% Frequentemente 26.4% Sempre 6%.

As respostas desta pergunta revelam que se somarmos os que lêem frequentemente com os que lêem sempre, constatamos que 32.4% dos professores e alunos da UnB são leitores regulares do Campus e só que raramente. Entretanto, como o jornal é quinzenal, um leitor que perder um único número só vai lê-lo novamente daí a um mês. Isto pode indicar que muitos optaram pela alternativa "raramente" porque recebem o Campus em datas muito distanciadas. Neste caso, eles não seriam leitores "raros" mas, ao contrário, leitores frequentes. De fato, só 14.5% afirmaram que nunca lêem o jornal. É pouco, comparado com os leitores. Mas, pode preocupar, se constatamos que quase 15% da comunidade acadêmica não conhece o jornal.

Você sabe onde encontrar o jornal Campus?

Sim 38%, Não 50%, Branco 11%

Os resultados desse item não deixam dúvidas. O jornal Campus é mal distribuído. Metade dos seus leitores simplesmente não sabe onde encontrá-lo. Esse índice é superior entre alunos já que 51.3% deles não sabem os locais onde o jornal é distribuído enquanto 43.7% dos professores desconhecem sua distribuição. Basicamente, existem três razões

para isso. A primeira é a pequena tiragem do jornal — 3.000 exemplares para um público potencial de 15 mil pessoas, entre alunos, funcionários e professores. A segunda é o desconhecimento, por parte do leitor, dos locais onde encontrar o jornal. E, finalmente, a distribuição, de fato, é falha e não consegue cobrir todo o campus universitário.

No geral, como você lê o Campus?

Só os títulos 3.7% Só a 1ª página 1%. Alguns artigos 45.6%. Quase tudo 13.5%. Jornal todo 3.9%. Depende 18.2%. Branco 13.8%

O índice de leitura do jornal é elevado. Cerca de 80% dos leitores pesquisados responderam que lêem o Campus, um resultado excelente para um periódico distribuído gratuitamente. A maior parte das pessoas — 45% — lê apenas alguns artigos. Um dado surpreendente: quase um quarto dos alunos que respondeu o questionário só lê os títulos (17%) ou a primeira página (5%) do jornal. Só para comparar, nenhum dos professores que respondeu esse item se colocou como um leitor de títulos ou de primeira página.

O que vocês mais gostam no Campus?

Não sei/branco 50%. Cobertura UnB 12%. Reportagem 6% Tudo 6% Pergunta aberta — o entrevistado opinava livremente — que, infelizmente, não foi respondida pela maioria das pessoas. Metade deixou em branco ou não soube identificar o

assunto que mais gosta de ler no jornal. Mas entre as pessoas que responderam, 12.1% consideraram a cobertura da UnB como o que mais gosta de ler, secundada de reportagens em geral e "tudo", com índice de 6%.

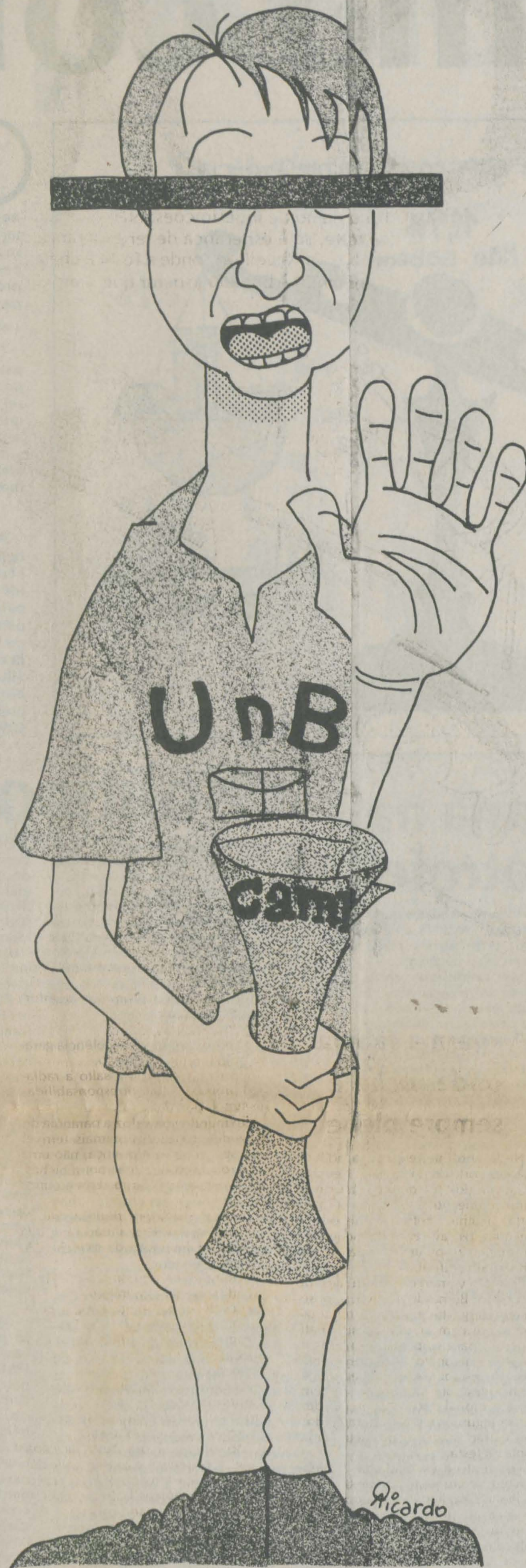
Na sua opinião, qual a maior falha do Campus?

Não sabe 59.2% Distribuição 6.2% Divulgação 5.9% Parcialidade 5% Outra pergunta aberta que contou com um número pequeno de respostas — 59.2% não sabem apontar a maior falha do jornal. Entre os que responderam, mais de 10% consideraram a distribuição e divulgação como a maior falha do Campus. Nesse item tornou a aparecer uma crítica de uma parcela dos leitores do jornal: a parcialidade. Cinco por cento dos entrevistados apontaram a falta de isenção como a maior falha do jornal.

Pode-se acreditar na maioria das matérias que lemos no Campus.

Concordo 12% Concordo parcialmente 44% Discordo 9% Não sei 17% A maioria das pessoas que lê o Campus acredita nas informações veiculadas pelo jornal, o que em outras palavras quer dizer credibilidade. Há, no entanto, um percentual de 9% de leitores que discordam da afirmativa, o que preocupa. No caso dos professores esse índice cresce de 9% para 12%.

Mas isso não afeta a credibilidade do jornal uma vez que quase 60% dos entrevistados confiam no que está lendo no jornal. Outro aspecto a ser considerado é que, sendo um jornal-laboratório onde estudantes



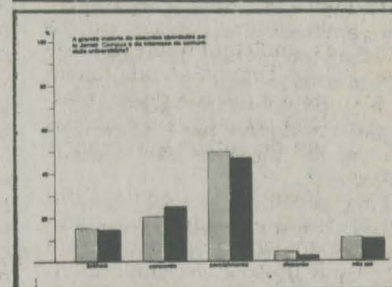
Comunidade é meta do Campus

Durante este semestre, o Campus manteve a mesma equipe: editores, repórteres e professores trabalharam juntos na produção do jornal. Desde a escolha dos assuntos até a diagramação das páginas, tudo foi estruturado pensando na comunidade universitária. Os editores, alunos do último semestre do curso de jornalismo deixam depois deste número a redação, para enfrentar o mercado de trabalho. Mas os repórteres, que assumem em 1988 o cargo de editores, os professores, enfim o Departamento de Comunicação continuam responsáveis pela elaboração do jornal. Daí a necessidade de uma avaliação da proposta que vem sendo adotada.

Os alunos da disciplina de Pesquisa de Opinião e Mercadologia, do Departamento de Comunicação, sob a supervisão do professor Gonzaga Motta decidiram ajudar nesta avaliação e realizaram durante o semestre uma pesquisa sobre o índice de leitura e a imagem do Campus, vista pela comunidade acadêmica. Os funcionários não foram entrevistados, por causa da greve, que dificultou o acesso dos entrevistados à categoria.

Mesmo com todas as nossas dificuldades, deficiências de estrutura, dificuldades na circulação dos exemplares e até mesmo o esnobismo por parte de alguns, que se recusaram a entrar nas páginas do Campus, o jornal conseguiu destrinchar reportagens de peso e defender os interesses da UnB, como no caso da concessão do nosso canal de rádio. Os números levantados pela pesquisa comprovam o valor do Campus: gráficos e percentuais nos levam à conclusão de que o jornal cumpre com seu papel: informa; com uma linguagem objetiva e simples, além de ser agradável graficamente. O maior problema continua sendo a distribuição e o número reduzido de exemplares impressos. Esta questão pode ser resolvida, numa negociação com a reitoria. O que é importante frisar é que este não é só um jornal de estudantes, mas um veículo sério, que inclusive tem interesse em atingir outros leitores, além da comunidade universitária.

GIULIANA MORRONE



opinam sobre assuntos polêmicos — greve, corporativismo, maconha etc — haja reações naturais ao que está escrito.

O noticiário do jornal Campus é isento, não toma partido.

Concordo 5% Concordo parcialmente 33% Discordo 25% Não sei 20% e Vinte e cinco por cento dos leitores entrevistados discordam que o Campus seja isento o que, apesar de ser um índice elevado, é explicável. O Campus, jornal-laboratório dos alunos do Departamento de Comunicação, possui uma linha editorial opinativa. Os estudantes fazem questão de, através do jornal, participar de todas as questões relacionadas com a vida da comunicação.

Por outro lado, um terço dos leitores concorda parcialmente que o Campus seja isento, o que reflete a preocupação dos estudantes em retratar a realidade como ela é, sem se esquivar de emitir opiniões.

A linguagem do jornal Campus é simples e objetiva, fácil de ser entendida.

Concordo 55% Concordo parcialmente 19% Discordo 3% Não sei 5%

Mais da metade dos leitores ouvidos concorda inteiramente com a afirmativa de que o Campus tem uma linguagem simples, objetiva e fácil de ser entendida. A esse índice deve-se somar os 19% que concordam parcialmente com o que foi afirmado, o que eleva para quase 80% o índice de leitores que gostam da linguagem usada pelos alunos que escrevem o

jornal. A reduzida parcela de leitores — 3 — considera a linguagem inadequada ou não gosta dela.

O Capus é um jornal atraente graficamente bem elaborado.

Concordo 24% Concordo parcialmente 4% Discordo 10% Não sei 5%

Para mais de dois terços dos leitores do Campus, ele é um jornal atraente graficamente bem elaborado. Emborinha passado por várias reformulações em sua diagramação, isso pareça ter afetado sua aceitação grã pelo leitor. Somente 10% dos trevistados consideraram o jornal atraente, discordando da afirmativa pesquisa.

A grade maioria dos assuntos abordados pelo jornal Capus é de interesse da comunidade universitária

Concordo 20% Concordo parcialmente 49% Discordo 04% Não sei 5% Outro resultado que mostra boa receptividade do Campus jto ao seu público preferencial. Que 70% dos leitores concordam inteiramente ou parcialmente que o quemário trata de assuntos de interesse da comunidade. Uma pequena parcela — 4% — discorda da afirmativa, um índice residual não significati

Mas, também nesse caso, as pessoas que concordaram ou que responderam "não sei" vão aparecer em outro quesitagerindo pautas relacionadas com realização de cursos na

universidade, a divulgação de pesquisas e de uma agenda cultural.

O que você gostaria de ler no Campus e não encontra?

Não sabe 59.3% Cobertura de cursos 5.9% Cultura 5.2% Pesquisas 3.9% Mais uma vez quase 60% dos leitores não opinaram. Os que responderam, apontaram a ausência de cobertura de cursos (5.9%), de uma agenda cultural (5.2%), de divulgação das pesquisas (3.9%) e de classificações (3.5%) como assuntos que gostariam de ser tratados no jornal. Isso demonstra que apesar das pessoas considerarem boa a cobertura de temas relacionados com a UnB, ainda querem maior espaço no jornal para o que está sendo realizado. Nota-se, também, um desejo de ter um jornal de serviço, que dê informações do tipo roteiro cultural e classificações.

O jornal Campus cumpre o seu papel de informar bem a comunidade acadêmica sobre o que ocorre na UnB.

Concordo 10%. Concordo parcialmente 51% Discordo 9%. Não sei 13% Outra boa performance do Campus. Cerca de 60% dos seus leitores concordam inteira ou parcialmente com a afirmativa do questionário, o que revela o acerto da escolha dos assuntos tratados em cada edição. Mas os números revelam, também, que quase 10% dos leitores discordam dessa afirmativa. Esse universo e sua opinião a respeito do papel do jornal em retratar a comunidade da UnB aparecem em outro quesito, quando sugerem que ele deva tratar de assuntos como cursos, pesquisas e agenda cultural.

Ô ANO!

1987 foi um ano de indefinições. Não aconteceu nada de novo e o velho se manteve velho, firme e forte, só a esperança de ter esperança passou a ser um pouco menor. O jeito é esperar o Reveillon, onde a festa é cheia de branco, brilho, beijos e abraços, e lemanjá, e bêbado esperar que o próximo ano seja melhor. Do contrário, fica difícil!!

Muito suspense e nada aconteceu

87 foi o ano das neuroses! A maior delas foi o acidente nuclear de Goiânia. Além das mortes ocorridas houve uma onda de discriminação para com os habitantes de Goiânia, que tiveram que sair da cidade com documentos provando sua não-contaminação radioativa, assim como os negros da África do Sul tinham que sair às ruas de seu próprio país com uma carteira de permissão... Os livros de ficção estão se tornando realidade. Ao mesmo tempo os homossexuais foram duramente discriminados e perseguidos em São Paulo. Tempos de AIDS. Os jovens e adolescentes de agora estão deixando de lado o sexo livre e procurando se fixar com um parceiro constante. Isto é resultado do medo da AIDS e da busca da união de amor, afeto e carinho com satisfação sexual. Está surgindo a síntese do puritanismo conservador e da rebeldia sexual dos anos 60!

O cantor e compositor Lobão provocou uma grande polêmica quando foi preso por porte de drogas. Vários setores da sociedade se manifestaram a favor do artista e a questão das drogas entrou em pauta mais uma vez na sociedade brasileira. A moda do Rock Inglês e do estilo Dark teve seu apogeu com a vinda dos grupos The Cure e Echo and The Bunnymen, que provocaram uma febre nos jovens de todo o país, desaparecendo logo em seguida. Descoberta a mina de ouro (o Cure nunca havia tocado para um ginásio cheio antes), o Brasil entrou definitivamente (será?) para o circuito internacional dos shows de Rock. Sting (ex-The Police) iniciou sua nova turnê mundial pelo Brasil. Que chique! E por falar em chique a música brega toma de assalto as paradas de sucesso no país. Os alarmistas anunciam o fim do Rock brasileiro. Será? Nada disto. Somente uma penelrada para separar o joio do trigo. Os novos Lps dos Titãs, da Legião Urbana e da cantora Marina já estão estourando nas paradas. Segundo o Camisa de Vênus — “é muita estrela pra pouca constelação”.

Quem despençou da constelação foram os Yuppies, que com o novo “crack” da bolsa de Nova Iorque perderam seus empregos, seu dinheiro e sua pose. A ordem econômica mundial está abalada. Gorbachev e Reagan assinam o primeiro tratado de eliminação de armas nucleares no dia em que se completaram sete anos de morte de John Lennon. Ainda faltam dois anos para a década de 90, mas será que ela já começou ou é apenas sonho de fim de ano? Paulo Francis que o diga.

Brasília levou uma rasteira e foi tombada. Agora é patrimônio cultural da humanidade, por obra e graça exclusiva de nosso governador, grande entusiasta do pró-álcool. A população mais uma vez não foi sequer consultada. Os políticos, em sua maioria, só vêm ao povo em hora de eleição. O Brasil continua o mesmo.

MILITÃO RICARDO



A mesma fábula onde plebe é sempre plebe

Neste ano que termina, a política agitou a corte do rei Sir Ney. Reunida a Câmara dos “incomuns”, a Constituinte começou a preparar a nova carta magna. Entre Comissões e emendas, os cavaleiros da esquerda e da direita disputaram espaços em uma batalha difícil.

Primeiro vieram os substitutos do escudeiro Bernardo Cabral. Conseguiram desgostar a gregos e troianos. Entrou em campo a tal da sistematização e, para surpresa de muitos, a plebe viu alguns direitos contemplados. A estabilidade no emprego, licença-gestante, definição de empresa nacional, tudo acabou por despertar alguns dragões adormecidos. O Centrão surgiu e promete tomar conta da festa.

Mas junto a esta batalha, a plebe também se viu neste ano de 87 frente ao Plano Cruzado II, carrasco das esperanças de uma política econômica mais justa. A crise e o desemprego colocaram a CUT e a CGT na primeira Greve Geral unificada. Mas a unidade ficou na vontade e a Greve não paralizou a corte.

Foi no meio desta tempestade chamada crise que Sir Ney resolveu passar mais um aninho no castelo do Planalto. A duração do mandato gerou polêmica, mas a constituinte acabou colocando uma pedra no caminho. A Assembléia acabou também por ameaçar o reinado onipotente dos presidentes e aprovou o parlamentarismo. Sir Ney não gostou da ideia de virar rainha da Inglaterra e protestou. Junto a ele, o príncipe regente Brizola também não gostou e disse que quem quer ser rei não pode ficar só na majestade. A batalha não terminou e 87 já promete alguns enigmas para o ano que se aproxima.

A política nacional sacudiu a corte neste ano que passa. Ficam novos protagonistas que com socos e pontapés, seja na CBF ou na constituinte, ameaçam tomar conta do cenário. O Centrão promete estragar o carnaval e os progressistas prometem mais barulho na banda. Só nos resta esperar que em 88 a Plebe entre de vez na dança e defina o final desta fábula tão brasileira.

MAURO PORTO

Desinformação e descaso pairam no ar

Guerra dos morros uivantes, Césio 137 em 87, Aids nós.

O diagnóstico é um só: desinformação e descaso.

Pátria amada Brasil.

Dos morros desce a violência gerada aqui mesmo no asfalto.

Do Goiás vem de assalto a radiação produzida pela irresponsabilidade jamais punida.

No mundo voa veloz a paranóia de uma doença, que por mais terrível que seja, é só uma doença, não uma amazona apocalíptica contra bichas, putas, viciados, chimpanzés e outros bichos.

..à gula tornada em riqueza deu ao homem mais destreza mais tino, alta perícia na invenção da malícia. (A. Zuccoloto)

É tudo farinha do mesmo saco. Haja! Escadinhas, polícia, tráfico. Deficiência imunológica, cia & companhia, interesse e tal.

Césio 137, CNEN, Iris 90, este enriquecido.

É isto que dá viver numa era tão pouco natural. Varrida e doida.

No day before da terra ardente, chumbado mar e abolido ar.

E não adianta ir pra Austrália capar canguru só pra ver o pulo que ele dá.

88 pior será, e em dobro. Está escrito.

O homo sapiens boboeu, caiu de quatro no ato — e anda pra trás. Transversal do tempo, oh mores.

Viva a sobrevivência do mais harmônico, não a do mais forte.

É hora de dar asas à realidade e passar por baixo do arco-íris, para mudar tudo: sexo, credo, raça.

Metamorfose.

Butterfly, flor mágica que nas cores voa e vai.

JANE ARAÚJO

A cidade ainda não foi levada a sério

Durante o ano de 1987 Brasília provou que não é mais uma cidadezinha. Com 27 anos ela se revelou, e junto com outras grandes cidades mostrou para todo o Brasil que não é mais aquela. O povo de Brasília sabe fazer greve e como sabe. Vários episódios marcaram este ano, na área política, social e cultural da cidade.

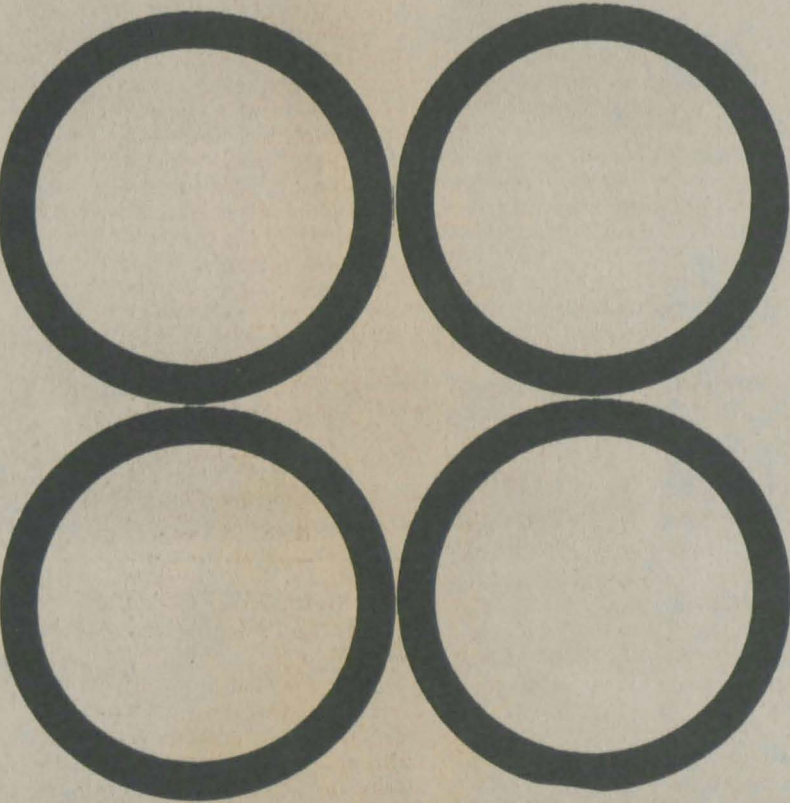
Brasília conseguiu com sua pouca idade se tornar um exemplo nacional de ingovernabilidade e ao mesmo tempo ser considerada patrimônio mundial da nação pela Unesco. Resta se definir qual o tipo de tombamento adequado para a cidade. Existem duas correntes: uns acham que sendo um patrimônio do país, seu projeto inicial não poderá ser mudado, mas muita gente acha mesmo que esse tombamento deveria ser feito com um trator, passando pela cidade e começando tudo de novo.

Um exemplo prático disso é a Fundação Cultural que está em plena crise. De origem pernambucana, o seu novo diretor, Marlos Nobre, declarou que não pretende mexer em nada por não conhecer o trabalho da Fundação Cultural. Enquanto isso, os moradores da capital da república podem assistir um filminho do “Rambo” ali no Conjunto Nacional e esperar que o diretor comece a trabalhar pela nossa cultura.

Uma novidade foram as diversas greves que aconteceram. Brasília se tornou uma verdadeira ilha, cercada de greve por todos os seus limites. E por falar em greve, talvez você não receba cartãozinho de natal este ano.

Numa estória como essa, vai ser difícil escrever um final feliz, mesmo porque não se pode contar muito com o GDF, a não ser que se queira mandar um comitê para uma festa, pois nesses compromissos, o governador não falta. Inauguração, então nem se fala! Mas quando se fala em trabalho sério, como melhorar a produção cultural da cidade, terminar com os fantasmas das greves, construir habitações, ou simplesmente asfaltar as ruas esburacadas, aí a coisa é bem diferente.

TID CARVALHO



a roda rola, rola, rola...

Patrimônio Mundial, aqui ó... Viva Brasília fora dos eixos!

87 morreu e não deixou saudades

Faleceu 87. Viva!

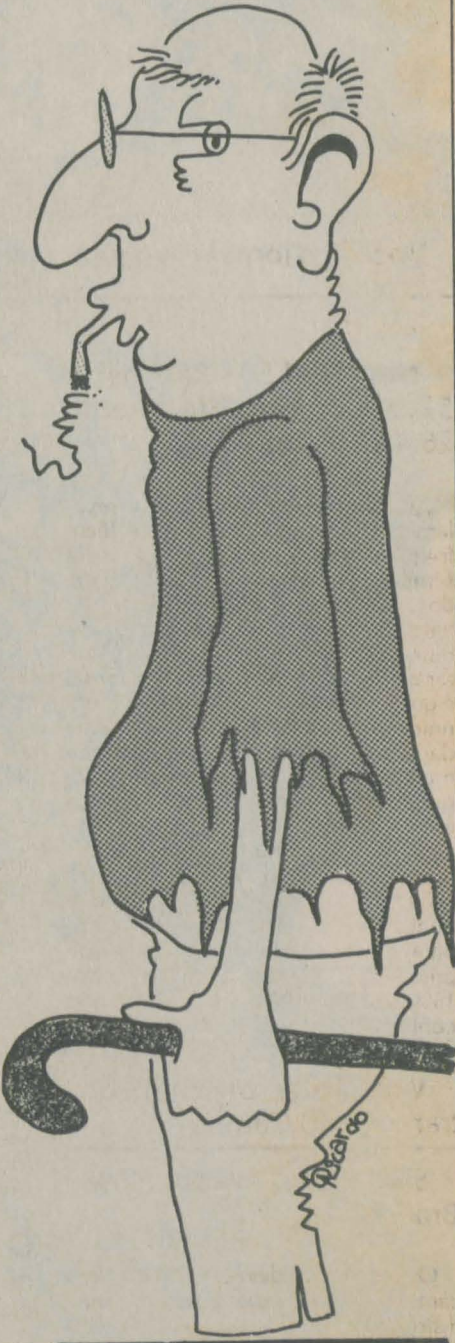
A gente, que é brasileiro, se pergunta por que não morreram, junto com 87, o cruzado, a corrupção, os marajás, a inflação, a eterna dívida externa, a miséria do povo; o Bresser e o Sarney — morte política. Por que não morreram a irresponsabilidade, a incompetência, a incapacidade de agir e acertar?

Ao invés disso, morreram o fim da censura, a pena de morte, também Carlos Drummond de Andrade — salvo pela imortalidade — e “Pixo-te”, muitos pixotes brasileiros. Goiânia quase foi enterrada junto com as vítimas do acidente nuclear e vítima de um acidente aéreo morreu Marcos Freire — ex-ministro da Reforma Agrária. Reforma o quê, hein? Francisco Cuoco foi o “O Outro” que, se não morreu de verdade, quase se enterrou vivo junto com a última novela que fez.

Choro e vela não faltaram durante o ano, devido a mortes e enterros, mas o pior deles foi, sem dúvida, o da conta bancária. Muita gente imaginou — quanta ilusão! — que poderia levar uma vida mais estável este ano e ganhar algum dinheiro ou, ao menos, não perdê-lo. Mas, depois de tantos “embrulhos” econômicos do governo, fica impossível sonhar com cifras. Só vale pesadelos com os cruzados que devemos. Para os honestos pagadores de suas dívidas, não resta dúvida: o bolso furou.

Mas, em meio ao mar de lama, eis que surge o brasileiro e seu “jeitinho” de esquecer tudo e voltar a ter esperança. Afinal, ainda resta a Constituição. Luiz Fernando Veríssimo falou, outro dia, em uma de suas crônicas, a respeito de nostalgia, este sentimento que bate forte quando se sonha com tempos passados, bons tempos. É claro que Veríssimo não se referia aos anos 80. Duvido que alguém consiga ser nostálgico quando se lembra de 1987. Não dá para ter saudades...

MÁRCIA BINDER



Calvin Klein e o final dos 80: a década yuppie

Os anos finais de uma década geralmente mostram as tendências do comportamento humano para a década seguinte. Foi assim com o pacifismo hippie a partir de 67, enquanto 77 marcou o protesto e o desencanto punk. Relembrando 87, prepare-se: os próximos dez anos podem ser marcados pela hipocrisia yuppie.

Pois os yuppies chegaram até na indezavável União Soviética. Mikhail Gorbachev, secretário-geral do PCUS, atacou a burocracia emperrante que herdou de seus antecessores e acenou com promessas de liberdade, prometendo maior espaço para os jovens dirigentes e suas ideias renovadoras. Desde que não queiram retirar do limbo a figura de Trotsky.

Enquanto isso, a Bolsa de Nova Iorque dava um susto, mandando pelo esgoto muito mais dólares que o famoso “crack” de 29. Felizmente não culminou com outra grande depressão social como a dos anos 30, resultando nuns poucos suicídios que nem abalaram a opinião pública norte-americana.

Opinião pública que não possui o mesmo poder de pressão de antigamente. Afinal, foi ela que forçou a renúncia de Richard Nixon, quando veio à tona o escândalo Watergate. Neste ano, Reagan e sua cara de pau com nariz de platina (câncer?) passaram incólumes pelo trágico. Ou os EUA estão sendo presididos por um idiota que é sempre o último a saber, ou, o que é mais assustador, eles acham que desviar verbas para fomentar guerra no seu quintal é uma prática salutar.

Por fim, yuppies comunistas e capitalistas se reuniram para selar a paz, assinando um acordo de desarmamento nuclear. Apesar do pequeno percentual envolvido, 4%, pela primeira vez eles decidiram destruir os arsenais. Fontes bem situadas afirmaram que, reagindo contra os quatro anos e o parlamentarismo, Sarney já ofereceu para eles a Serra do Cachimbo. Que venha 88!!!

LUIZ PIU

Editoria de Comportamento: Delman Assis, Dizo Dal Moro, Hélio Franco, Jane Araújo, Luiz Piu, Márcia Binder, Mauro Porto, Militão Ricardo, Paulo Cabral e Tid Carvalho.

PRÊMIO CÉSIO 137 — PARA O ANO DE 1987

Como em Chernobyl, os brasileiros assistiram pãsmos a pulverização de todo seus sonhos nesse ano trágico. Plano Cruzado, casa própria, mesa farta, saúde, educação, oportunidade de trabalho, tudo por água abaixo... Tão falso como o brilho do césio eram as promessas políticas do ano que passou. A verdade, que não pode ser contida eternamente numa caixa de chumbo, explodiu em cima de cada brasileiro. Haja azul-da-prússia pra curar esta Nação!

Prêmio Dia do Fico — José Sarney

Na nobre corte de Vossa Majestade Sir Ney, a História do País se repete, só que dessa vez como farsa. A Fábula inicia quando o monarca começa a transformar a Transição em uma grande Transação. Sir Ney concluiu que para felicidade geral dele mesmo e azar da Nação, o reinado teria mais um ano. A pretensão parece coisa de bobo da corte, mas o Centrão ameaça tornar realidade o sonho do rei.

Prêmio Equilibrista — Ulysses Guimarães

Ora na corda-bamba, ora em algum navio à deriva, guloso de umas mas sem tesão de cair numa delas, ele se equilibra e equilibra também quem está se desequilibrando. Você tem um estilingue? Não, não atire! Se atirar será testemunha de uma queda governamental jamais historiada.

Prêmio Efeitos Especiais — Bresser Pereira

Quem consegue provar com um gráfico pelo avesso que, mesmo com salários congelados e preços liberados, a vida do assalariado melhorou? A explicação parece humor negro, mas o pior é que o mágico está sempre sorridente. Tais efeitos especiais, dignos de um E.T. Macro-econômico, são obras primas do ministro Bresser.

Prêmio Fantasma da Ópera — Mário Henrique Simonsen

Grande destaque da ópera bufa "Il Controllo de la Icona Mia", durante anos a fio. Nesta época nunca fez muito sucesso popular. As platéias sentiam um vazio no estômago e um aperto no bolso. Foi esquecido quando entrou em cartaz a ópera bufa "Il Cordo Sinistru". Seu espectro reapareceu recentemente dizendo-se portador da mensagem da salvação. Seria um novo roteiro para outra superprodução bufa?

Prêmio Brega & Chique — Orestes Quéricia

Vem de lá do interior o governador da Nova Iorque brasileira. Conhece muito bem o linguajar do povo assim como é um expert nas conversações políticas, e já que nesse país não se assume o brega mas se quer chique, não é à toa que Orestes Quéricia é forte candidato a candidato a presidência.

Prêmio Esquadrão — Amaral Neto

Quem não se lembra dos heróicos tempos do incansável Amaral Neto, "O Repórter", fazendo piruetas no meio da pororoca amazônica? Pois é, agora o nosso repórter articula na Constituição algo tão nebuloso quanto as águas da pororoca. O Prêmio Esquadrão não podia escapar das mãos de um dos pais deste esquadrão chamado "Centrão".

Prêmio Namoradinho do Brasil — Hebe Camargo

Loira, sorriso cheio de dentes, remelexo de baiana (apesar de ser paulista), jeitinho todo especial para convencer o telespectador "amigo" a comprar aquela bateadeira pra sua cozinha, ela invade toda semana sua sala de visitas trazendo os mais diversos convidados (nunca, porém, os deixa falar, ela fala o tempo todo). Declarou a uma revista que já foi cantada por um ministro do Trabalho, um vice-governador e até mesmo por um Presidente da República. Prêmio Namoradinho do Brasil, alguém discorda?

Prêmio Dose Dupla — Jânio Quadros

Não há bafômetro que agüente! Parece que nem ele mesmo sabe que é prefeito. A propósito, ele já esteve em São Paulo? Provavelmente um outro anômalo, cambaleante companheiro seu, responderá titubeando: ssim! Haja dose para se equilibrar no quadro alcohólico do Jânio. Ele nem consegue fazer o quatro, veja lá cumprir o mandato.

Prêmio Se Ficar o Bicho Pega — Figueiredo

Provavelmente o que ele quer é isso mesmo. A cada dia ele se aproxima mais do bicho. O que ainda não se sabe é de qual dos bichos Figueiredo está mais próximo. O certo é que ele ameaça morder a fralda (farda) e soltar os cavalos se o bicho não o pegar. Corre bichinho, corre! Deixa o papão te comer não!

Prêmio Chifre de Ouro (vade retro) — Ronaldo Caiado

Sorriso perverso, inteligência ferina, este senhor Ronaldo Caiado surgiu no momento em que o conflito do sem-terra parecia querer forçar uma solução para a questão agrária, um dos problemas mais sérios que o Brasil enfrenta. Lobo em pele de cordeiro, este jovem, velho e tirano, promete ainda muitas dores de cabeça e pesadelo para os brasileiros que sonham com um pedaço de chão para cultivar.

MAIS 87 MAIS

PRÊMIO EM CIMA DO MURO — *%\$&CrX*/\$

São tantos os candidatos e o panorama atual é tão confuso que a redação não se decidiu sobre o vencedor. Mas já foram feitos grandes avanços na apuração, e lá pra depois do Natal, ou do Carnaval, a gente se resolve.

Prêmio Safenados e Safadinhos — Mário Covas

O grande líder Mário Covas leva essa mole. Suas articulações na Assembleia Nacional Constituinte conferem o "safadinho", enquanto que a recente operação em SP garante o "safinado". Ultimamente, luta no campo da anatomia: quer que o coração da Constituinte bata à esquerda, não no Centrão.

Prêmio Porrada — Antonio Ermírio de Moraes

Ao empresário paulista que estende sua sutil (hic!) habilidade de negociação dos operários ao recinto político do País, Habildade esta só comparada a um gorila visitando uma loja de cristais, tremendos foram os graves e agudos da fera nestes anos de formação física e política.

Prêmio Yuppie — Lula

Ele vestia macacão de operário quando subia nos palanques para incitar os companheiros à greve. Se fosse preso, pegava uma cela comum. Hoje, ele tem imunidade parlamentar e sobe na tribuna. Não radicaliza — negocia. De terno e gravata, Lula, cê tá mais prá Yuppie que prá proletário.

Prêmio Vitasay — Xuxa

Bonitinha mas Ordinária, a loirinha pula e grita todo dia nas salas dos brasileiros que têm filhos, quem mandou? Sadia e roliça, vai enchendo a sua caixinha às custas dos nossos ais. Os meninos não têm pena, querem a bota, a poxete, o disco, (ai é demais) a boneca... Ela lá na sua mansão cheia de regatos naturais se diverte e ainda chama nossos filhos de baixinhos. Prêmio Vita sai-fora...

Prêmio Peru de Fora Dá Peruada — Leônidas Pires Gonçalves

Poderia ser o prêmio Urutu, já que ele soltou vários em cima de grevistas. Ou então a Minha Verdade é a Farda, pois ele desconsiderou informações veiculadas na imprensa e aceitou a versão de seus companheiros. Mas o gen. Leônidas leva mesmo o prêmio acima, por meter o bedelho onde não é chamado e querer desmentir o ditado de que "peru de fora não dá peruada".

PRÊMIO OS INTOCAVEIS — A TODOS OS CORRUPTOS DO BRASIL

Destaque especial para os Marajás, que auxiliados pela Justiça brasileira deitaram e rolaram mais uma vez nas passarelas desse carnaval chamado Brasil. É muito pouco Fernando Collor pra tamanha esculhambação. Brilharam também, como nunca, os políticos que, ao escreverem a Nova Constituição, se aproveitaram para atravessar o Congresso com seus malditos "trens da alegria" (alegria de poucos, desespero da Nação)

Prêmio Dama de Ferro — Delfim Netto

Lá vem ela, desejosa de divulgação para as soluções generosas: que criou em torno de seu ilusório império fazendário. Não é à toa quando dizem as más (?) línguas que ela roda bolsinhas, sa-colas e pacotões, se preciso for, na ânsia ferrenha de ser notada. Será preciso lhe dizer, santa, que todo mundo já sabe que você é ferrada, ferradinha?

Prêmio Bola de Cristal — Getúlio Bittencourt

Com subserviência peculiar, Getúlio tenta localizar vagalumes para encher sua bola de cristal, amiga inseparável ante sua cegueira total na área de comunicação do Governo. Por qual razão ele vem recusando a lanterna, ninguém sabe. Já que a bola é redonda, é com ela que constantemente dá seus furos.

Prêmio Contos da Carochinha — Rede Globo

A Rede Globo mantém há vários anos a liderança de audiência a "programação sanduíche" — novela, jornal, novela. De um tempo para cá, no entanto, ela procura inovar, atendendo aos desejos do seu público, que não mais quer saber da cruel realidade (?) Do jeito que a coisa vai, daqui a pouco veremos o eterno Cid Moreira abrir o Jornal Nacional com o sobrio "Era uma vez..."

Prêmio Comunicólogo — Antonio Frota Neto

Vai receber também o prêmio "Senta Levanta". Parece que não se comunica muito bem. O ministro da Justiça que o diga...

Prêmio Chapeuzinho Vermelho — Paulo Brossard

Na verdade, é só um disfarce, aquele seu chapéu é de outra cor. O que ele não quer é ficar falado como a verdadeira Chapeuzinho. O. Brossard! Pensa que não sei que você engoliu a vozozinha? Precisa camuflar não! Aqui todo mundo sabe que você não é Lobão. Cá prá nós, você já sabe até aonde pode ir!

CATEGORIA NARINAS

PRÊMIO DE FARO PARA NARIZES DE FATO

Nariz de Platina: Lobão

Nem plástica, nem estética; mesmo fora de moda, a viagem ética. Porque antigamente era eticamente, pós-modernamente o homem e a ética se confundem. É assim: são homens e são éticos, são ébrios e doutores. Sol e lua. Passado e futuro. Presente. Ausente.

Porque as minas de platina são mais perigosas que as de ouro. Grandes lobos caçam ao sol e cantam prá lua. Andes Cisplatina: la plata, la nieve, lo brilho. Lobão canta prá mim. Nariz de platina. Faro, de fato. Prá mexer na merda sem medo de sentir o cheiro.

Nariz de Palhaço: Folha de S. Paulo

O picadeiro, o saco de pipocas e o nariz vermelho. Grandes e largas narinas. Mereciam ser de platina, eram de plástico. Mereciam pelo tamanho — ah, que estrago, que aspiração! Mas... olhando bem, aspiravam mas não inspiravam.

Que ironia! Ganharam um canudo. O espelho cada vez mais deixa ver a lona. Essa vida é cheia de Frias, diria o Bozo.

PRÊMIO DESASTRE TOTAL — PARA O BRASIL, Ô Ô Ô

E o nosso País continua confirmando a máxima de Charles DeGaulle. Depois das piadas da Nova República e do Plano Cruzado, a nova solução é o Parlamentarismo. Melhor seria voltar aos tempos imperiais, entregar o poder ao Rei Momo e decretar estado de carnaval permanente.

Prêmio TFP — Leonel Brizola

Neusinha Brizola é mesmo o calo da vida do pai, Leonel Brizola. Este ano ela posou nua para a revista Playboy, que quase conseguiu publicar as fotos. Quase... Antes, Brizola tratou de vetá-las. Papai Brizola leva a sério os conceitos de Tradição, Família e Propriedade, e, principalmente, o de sucessão presidencial.

Prêmio Mister Músculo — Aureliano Chaves

Tem o poder de atrair desgraças. Cai da escada e quebra a bacia e de repente corre o boato de que foi baleado. Quando fala, arregala o olho e dá à voz um tom de tragédia grega. Sendo assim não é de admirar que adore o halterofilismo. Prepara-se para o embate final que, ao contrário do que se pensa, não será entre EUA e URSS, mas entre ele e Newton Cardoso num ringue de sumô. Coitados dos brasileiros!

Prêmio Pinóquio — Antônio Carlos Magalhães

"Me considero um homem do meu tempo, sou progressista e demonstrei isso quando governei a Bahia". Assim declarou o ministro em entrevista ao Campus de outubro. Depois, quando questionado acerca da concessão da Rádio UnB, ainda afirmaria: "A minha boa vontade é enorme". Enquanto isso o nariz só ia crescendo.

Prêmio Maria Fumaça — José Reinaldo Tavares

O grande Trem da Alegria Norte-Sul já lá saindo da estação quando um repórter fechou as cancelas. Quando o maquinista do bigode percebeu a manobra, pensou que fosse um assalto e saiu de fininho pelos fundos da locomotiva. Ficou só o seu auxiliar imediato, o ministro dos Transportes (e da falta deles), colocando lenha na fôrma.

Prêmio Turismo — José Aparecido

Está sempre viajando nas questões. Algumas vezes foi dado como "desaparecido". Vai receber junto a "medalha incentivo Pró-Alcool", devido ao seu grande entusiasmo pelo precioso combustível vegetal... É o mais fanático construtor de monumentos de que a cidade já teve notícia. Há rumores de que o próximo será o "monumentos aos buracos das ruas em conservação". O Campus brevemente lançará uma campanha para emparedar o Zé dentro de um de seus monumentos.

Prêmio Xuxa — Rita Camata

Ela não é atriz e nem cantora, e ao invés de fazer sucesso entre os baixinhos, ela faz é com os homens altos da Constituintes, sempre bela e elegante. Imagine se ela resolvesse seguir os mesmos passos da Xuxa e mandasse fazer a boneca Ritinha em tamanho natural. Quem compraria, os altinhos ou os baixinhos?

Prêmio Hiroshima — CNEN

Pois é, a rosa de Hiroshima, feito botão pequeno e mortífero, desabrochou sobre Goiânia. Nas mãos de um catador de lixo, um homem simples do povo, exalou seu perfume macabro no terreiro de uma oficina mecânica. Por um mero descaso dos que deviam zelar pelo perigoso artefato. Energia nuclear, arre! Prêmio Hiroshima pro CNEN.

Prêmio Nobel da Paz — Ronald Reagan

Lembra Hollywood. O mocinho sai contrabandeando armas para o Ira, aplica a grana na Nicarágua, chega em casa cansado e cai nos braços de sua amada Nancy. Seus planos são descobertos e, redimido, chama o inimigo-mor para um acordo de paz mundial ensaiando um happy end, onde a praxe é a de que o mocinho termine como mocinho. Nobel da Paz ou Oscar de melhor ator?

Prêmio Vaselina — Mikhail Gorbachev

A União Soviética abriu. A Glasnost chamou o mundo para passear na Praça Vermelha, um lá foi de avião e se deu mal. A Perestroika é uma nova versão da revolução, e já pensou se Leningrado, antiga Stalingrado, passasse a chamar Mikhailgrado? A União Soviética abriu, mas cheia de vaselina.

Prêmio Deputada de Peito — Cicciolina

Nunca vi campanha política com tanto peito. A mocinha saiu das telas eróticas e partiu para as ruas levantando o braço, tirando a blusa e empinando o busto. Agora, de dia enfrenta legislativo italiano com muito peito, e já combateu o fim da imunidade parlamentar. De noite, com o peito aberto e suas cobras de estimação, faz sonhar aqueles que vão ver a maior deputada.

Prêmio Crepúsculo do Macho — Silvester Stallone

O másculo e viril herói do cinema americano, que ganhou uma grana preta protagonizando os brutamontes Rock, Rambo e Cobra, viu a própria imagem este ano um pouco diferente do que vê na tela. É que a atriz dinamarquesa Brigitte Nielsen, casada com o ator, trocou os músculos do ganhão italiano pelos belos olhos de sua secretária. Ele ficou desconsolado.



VALMIR SANTOS:

Estudante é alienado e apático

“A greve é o principal instrumento de luta, mas a sua constância abre uma brecha para a inviabilização da Universidade”

“A Universidade deve ser uma instituição que se coloque ao lado daqueles que a sustentam, que são os trabalhadores brasileiros”



PAULO CABRAL

O novo presidente da União Nacional de Estudantes (UNE), Valmir Santos, 35 anos, está à frente de uma diretoria que tem como principal objetivo recuperar a credibilidade perdida desde a reconstrução da entidade em 1979. Membro da corrente “Caminhando”, tendência política abrigada dentro do PT, Valmir critica as diretorias anteriores, ligadas ao PC do B, e credita a desmobilização dos estudantes à descrença do jovem pelas instituições.

Como estudantes da Universidade Federal do Pará, Valmir trocou o curso de medicina pelo de História, que pretende concluir assim que deixar a UNE. Seu pai, Valdir Santos, foi assessor do ex-governador Aloísio Chaves, do PDS. Poucos dias antes da eleição de Valmir, Valdir foi escolhido “pai do ano” por uma das seções do “Rotary Club” de Belém.

Fã do grupo “Legião Urbana”, nessa entrevista o presidente da UNE fala de cultura, sexo, política e critica a paridade nas eleições das universidades. Valmir revela, ainda, ser a favor da descriminalização da maconha e não acreditar em Deus.

Campus: Que perfil você traça, hoje, do jovem universitário?

Valmir: É muito difícil traçar um perfil porque, desde 64, aconteceu uma diversidade muito grande na universidade brasileira. As realidades são diferentes nas escolas públicas federais, estaduais ou nas privadas. Mas, há características em comum: as universidades podem ser consideradas grandes fábricas de montagem. Este foi um dos grandes objetivos das modificações sofridas depois do golpe de 64: o profissional formado é apático, o estudante tem uma formação técnica apartada da realidade social, sem postura crítica.

Campus: Você acha o estudante alienado?

Valmir: Em grande parte, sim. Hoje, a maior parte dos estudantes brasileiros é bem diferente dos estudantes da década de 60. De certa forma, o estudante é alienado e apático.

Campus: O que a nova diretoria pretende fazer para atrair os estudantes para a UNE?

Valmir: O principal objetivo da nossa gestão é reconstruir a UNE. Em primeiro lugar, é preciso restabelecer a prática democrática no interior da entidade, esquecida desde que foi reconstruída em 79, se transformando em aparelho político do PC do B. É necessário, também, discutir a crise do movimento estudantil. Através dessa discussão, pretendemos superar uma das debilidades da esquerda, que é o empobrecimento teórico, com respostas simplistas e mecânicas que não conseguem abranger a realidade complexa que é o movimento estudantil e a juventude brasileira.

Campus: Por que não há mobilização dos estudantes?

Valmir: Há mobilização no interior das universidades, mas aconteceu uma inversão dentro das lutas que ocorrem nas escolas. Antigamente, quem dirigia essas lutas eram os estudantes, hoje são os professores e funcionários, através da ANDES e da FASUBRA. A perda de mobilização, como existia antes, acontece devido a vários fatores. Um deles é a mudança da mentalidade da juventude brasileira, que está associada ao desenvolvimento industrial acelerado que o Brasil enfrentou desde 64 e que teve como alteração principal o extremo individualismo e o consumismo. O exemplo mais claro disso são os “yuppies”, um furacão consumista que, na verdade, é um modelo criado pela classe dominante pra tentar, ideologicamente, cooptar a juventude para os seus ideais. Outro motivo da desmobilização é a violenta repressão sofrida pelo movimento estudantil durante o regime militar. A terceira questão é a desilusão que o jovem tem hoje com as instituições da sociedade burguesa, principalmente o Estado e os partidos políticos.

Campus: Por que essa desilusão dos jovens?

Valmir: A desilusão acontece principalmente por causa das frustrações que vêm sendo acumuladas por toda a sociedade

brasileira. Essas frustrações ocorrem, por exemplo, em função do fisiologismo e da corrupção dos partidos políticos e do Estado. Acrescentam-se aí as frustrações com a “Nova República” e com o “Plano Cruzado”.

Campus: A Constituinte pode mudar esse quadro de desilusão?

Valmir: Difícilmente. As regras que foram estabelecidas para a Constituinte, na sua convocação e nas eleições, determinaram casuisticamente a correlação de forças e as regras do jogo.

Campus: Que papel a Universidade deve desempenhar dentro do País?

Valmir: A Universidade tem de gerar ciência, tem de gerar saber. O avanço tecnológico que houve nas universidades veio muito comprometido com os grandes projetos a serviço dos interesses da classe dominante. Ela tem de assumir essa elaboração comprometida com aqueles que estão marginalizados pela própria Universidade.

Campus: Ela deve interferir?

Valmir: Sim, a Universidade deve ser uma instituição que se coloque ao lado daqueles que a sustentam, que são os trabalhadores brasileiros. É em função desses setores que a Universidade tem de existir, e não em função de uma elite, como ela vive hoje.

Campus: O que a sociedade pode fazer pela Universidade?

Valmir: A sociedade deve pressionar para que a Universidade se transforme. Não são apenas os três segmentos da Universidade que têm de dizer que tipo de Universidade eles querem. Quem têm de dizer são principalmente os setores que estão fora da Universidade. A pressão se faz dentro dela, e nós temos de defender a participação dos sindicatos e das organizações de base no interior dos órgãos colegiados, pra que eles possam interferir, por exemplo, nas pesquisas e nos projetos de extensão que a Universidade faz.

Campus: Você é a favor da paridade?

Valmir: Somente nos órgãos colegiados. Para as eleições eu defendo voto universal. Não podemos compactuar com uma discriminação dentro da Universidade. A divisão proposta pela paridade é irreal. As verdadeiras diferenças dentro da Universidade são as mesmas que existem na sociedade. É a diferença de classes e não entre as categorias. O que deve dividir uma eleição para reitor são os diferentes projetos que se colocam para a Universidade. Até agora, a única resolução da UNE é em defesa da paridade, mas a atual diretoria ainda não tem posição tomada. Eu vou defender o voto universal. A UNE deve avançar nessa posição e fazer com que a ANDES e a FASUBRA também avancem. Não existe comunidade universitária mas, sim, três segmentos, divididos cada um deles com diferentes interesses. Não é um segmento contra o outro. Há estudantes conservadores e estudantes progressistas, o mesmo acontecendo com as outras categorias. Portanto, a noção de comunidade universitária acaba diluindo a divisão verdadeira, que é a divisão de

classes.

Campus: E a Universidade, muda com a Constituinte?

Valmir: Até esse momento, não muda nada. Nem o projeto que foi aprovado na Comissão de Sistematização está garantido na votação do plenário. É necessário que os estudantes percebam que a intensificação das pressões aos parlamentares constituintes não é uma opção mas, sim, uma imposição. Ou os estudantes se aliam com professores, funcionários e outras categorias que estejam interessadas na defesa do ensino público e gratuito, ou o plenário da Constituinte aprovará um projeto que é a continuação da reforma de 68.

Campus: As constantes greves estão inviabilizando as escolas públicas?

Valmir: As greves são o reflexo maior da crise da Universidade. Antes de responder à pergunta, é preciso levantar dois pressupostos. O primeiro é que, independente do posicionamento se prejudica as universidades ou não, é necessário reconhecer a justeza de todas as reivindicações que foram levantadas por professores e funcionários, ao longo das greves dos últimos anos. O segundo é que a responsabilidade pelas greves é do Ministério da Educação e do governo federal, que têm se mostrado às vezes surdos e às vezes cedendo à custa de muita pressão. Acho, no entanto, que os três segmentos têm de fazer uma discussão muito séria sobre a greve como instrumento de luta, mas a sua constância abre uma brecha para uma possível inviabilização da Universidade. Do ponto de vista dos interesses dos estudantes, elas trazem prejuízo do semestre, mas acontecem justamente em função da sua própria desmobilização. Se os estudantes fossem uma categoria que estivesse permanentemente em luta, ao lado de professores e funcionários, as greves não seriam esse cotidiano que é hoje. O poder de pressão dos três segmentos seria muito maior e as greves, com toda certeza, seriam diminuídas.

Campus: Você já atuou em algum partido clandestino?

Valmir: (pausa). Não, eu nunca atuei em partido clandestino. Defendo a existência deles e acho que qualquer partido que se estrutura nos moldes leninistas deve, necessariamente, atuar na clandestinidade, inclusive para sobreviver. É uma piada um partido leninista legalizado numa conjuntura como a que vivemos hoje.

Campus: Qual é a ligação que existe entre a sua corrente política, a “Caminhando”, e o deputado José Genoíno?

Valmir: Nós temos a posição política defendida por José Genoíno como um referencial político, não é uma vinculação orgânica, apenas política. A “Caminhando” não é, necessariamente, uma tendência que tenha que se subordinar a todas as posições políticas defendidas pelo deputado José Genoíno.

Campus: Você tem medo de golpe militar?

Valmir: Não tenho medo, mas acho que a população brasileira deve estar preparada, através da sua organização, para uma possibilidade que não está colocada nesse momento, mas que pode aparecer, dependendo dos interesses da classe dominante e da correlação de forças que houver dentro da sociedade.

Campus: Você defende que o PT, seu partido, faça alianças com outros partidos nas próximas eleições?

Valmir: O PT tem de preservar a sua identidade como um partido, de fato, dos trabalhadores. Tem de preservar, também, a sua independência de classe. Quando ele garante essa independência, as alianças já estão delimitadas com aqueles partidos que têm identidade com as reivindicações populares. Eu defendo a aliança do PT com alguns partidos e parlamentares, respeitando, porém, as diferenças regionais de cada um. Hoje, acho que é possível a aliança do PT com o PC do B, PSB e, dependendo dos avanços que venha a ter, com o PCB e com alguns parlamentares progressistas do PDT e do PMDB.

Campus: Seria possível uma aliança entre o PT e o PC do B na próxima eleição da UNE?

Valmir: Sim, desde que eles façam au-

to crítica das suas posições e, na prática, não só no discurso, assumam o rompimento com aquele modelo ultrapassado de movimento estudantil que impuseram enquanto estiveram na diretoria. Não é possível fazer aliança com esse PC do B que está aí ainda hoje. Não há composição com essa militância conservadora que o PC do B tem no movimento estudantil.

Campus: Desde que foi reconstruída, a UNE não conseguiu desenvolver praticamente nenhuma atividade que atraísse os estudantes. Vocês esperam melhorar esse quadro?

Valmir: Sim, os estudantes devem ter plena participação, não só nas reivindicações, mas também nos espaços cultural e esporti-

“O principal objetivo de nossa gestão é reconstruir a UNE. Em primeiro lugar, é preciso restabelecer a prática democrática no interior da entidade, esquecida desde que foi reconstruída em 79, se transformando em aparelho político do PC do B. É necessário, também, discutir a crise do movimento estudantil. Através dessa discussão, pretendemos superar uma das debilidades da esquerda, que é o empobrecimento teórico da esquerda, com respostas simplistas e mecânicas que não conseguem abranger a realidade complexa que é o movimento estudantil brasileiro e a juventude brasileira”

vo. Houve um envelhecimento da esquerda tradicional, que sempre dirigiu o movimento estudantil e que já não consegue galvanizar os interesses dos estudantes. A UNE tem de acompanhar os assuntos de interesse do jovem, como a sexualidade, por exemplo, que até hoje é tratada como um tabu, não apenas pela sociedade, mas, também, pelos setores tradicionais da esquerda.

Campus: A AIDS influencia o comportamento sexual do jovem?

Valmir: A AIDS se transformou num grande instrumento dos segmentos conservadores e moralistas da sociedade, inclusive da própria Igreja. Nesse momento, a AIDS é um instrumento muito poderoso de fortalecimento dos preconceitos da sociedade.

Campus: Existe uma brincadeira que diz que militante de movimento estudantil não faz sexo...

Valmir: Pelo contrário, militante tem de fazer sexo muito bem. Militante que não se relaciona sexualmente é um militante frustrado. O melhor militante é aquele que consegue estabelecer uma boa relação entre a sua vida, os valores, paixões, angústias e sentimentos com a militância. Eu não gosto da vida que o povo brasileiro leva, mas gosto muito de viver. Por achar que as pessoas têm condições de viver melhor é que faço de minha militância uma atividade que me realiza.

Campus: Existe, também, preconceito com relação às drogas. Você acha que a maconha deveria ser descriminalizada?

Valmir: A diretoria da UNE não tem opinião sobre o assunto, mas acho que é um debate que somos obrigados a fazer. Na minha opinião pessoal, a maconha deveria ser descriminalizada, como já é em alguns países.

Campus: Você já fumou maconha?

Valmir: Eu já experimentei e não sou consumidor porque não significou nada pra mim. Se tivesse gostado, consumiria sem nenhum preconceito.

Campus: Você acredita em Deus?

Valmir: Não. Já fui católico militante e já participei de movimentos eclesiais de base, mas hoje não acredito por uma série de idéias que discuti e assimilei. No entanto, de forma nenhuma concordo que a religião seja o “ópio do povo”. Não há contradição entre lutar pela libertação total de um povo e, ao mesmo tempo, acreditar em Deus. É uma opção individual.

Campus: Que papel a televisão tem, hoje, na formação do jovem?

Valmir: Falar em televisão hoje é, praticamente, falar da TV Globo, que sintetiza os veículos de comunicação de massa no Brasil. Todos os interesses que estão por trás da concessão de canais de rádio e televisão demonstram a importância que os meios de comunicação têm para a consolidação da política da classe dominante.

Campus: As universidades poderiam produzir uma programação diferente do que a Rede Globo faz?

Valmir: Acho que é uma obrigação das universidades, que têm direito legal de exigir canais de rádio e televisão, produzir programas que se contraponham ideologicamente às mensagens e aos valores que os veículos de comunicação dos grandes grupos transmitem. Devemos brigar para que todas as universidades tenham seus canais de rádio e TV.

Campus: A vinculação com a política não compromete a produção cultural?

Valmir: Acho que não. Qualquer produção cultural, independente da forma como se apresenta, sempre passa uma mensagem que não está desvinculada de um conteúdo político e ideológico. A neutralidade não existe em espaço algum. Nem na imprensa, nem nos profissionais da arte, cultura ou política.

Campus: Quais as atividades previstas pela UNE para o próximo ano?

Valmir: A primeira será a realização, ainda no primeiro semestre, de um seminário das três entidades, UNE, ANDES e FASUBRA, para elaborar um projeto global de Universidade que se contraponha ao projeto do GERE (Grupo de Estudos para Reformulação do Ensino Superior, do MEC). A segunda atividade será um festival da juventude, onde a gente espera reunir cerca de dez mil jovens de todos os cantos do País, participando das mais variadas atividades culturais, políticas e científicas. O local ainda não está confirmado, mas as sugestões recaem sobre Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Haverá, também, um seminário latino-americano de entidades estudantis, que pretendemos realizar em julho com entidades de toda a América Latina. Outras atividades serão uma campanha em defesa do ensino público e gratuito, com o título “Educação não rima com lucro” e outra, que pretendemos, seja coordenada pelo professor Paulo Freire, contra o analfabetismo. Essa campanha deve se contrapor aos objetivos que cumprem o Projeto Rondon e a Fundação Educar. Faremos, ainda, uma campanha de levantamento histórico e patrimonial da UNE, que está sendo discutida com os estudantes, principalmente de História, de todo o Brasil. Aqui na UnB, isso está sendo feito com os estudantes do PRO-MEMEU e do SIDOCAN, no Centro Acadêmico de História. Faremos, também, o congresso da UNE e uma campanha nacional de reconstrução material de Entidade e pelo recadastramento de todas as entidades estudantis. Realizaremos, por último, um seminário sobre maio de 68 para, com bases científicas, discutir esse importante momento da vida da juventude, que pode elucidar uma série de fatos da nossa realidade.

Campus: O movimento de 68 terminou em frustração pra toda aquela geração. Apesar disso, o que pode ser aproveitado?

Valmir: Uma das coisas que devem ser apreendidas nesse momento é que não é apenas o jovem, por mais organizado que ele esteja, que vai conseguir as transformações necessárias. As transformações só vão acontecer se a juventude estiver aliada com outros segmentos da sociedade. Acho que essa foi uma das mais importantes lições a serem extraídas daquele momento. É a necessidade de buscar uma ampliação.

EUMANO SILVA

O
ÚLTIMO

Ricardão II



... E CONTINUAMOS
DE SACO CHEIO

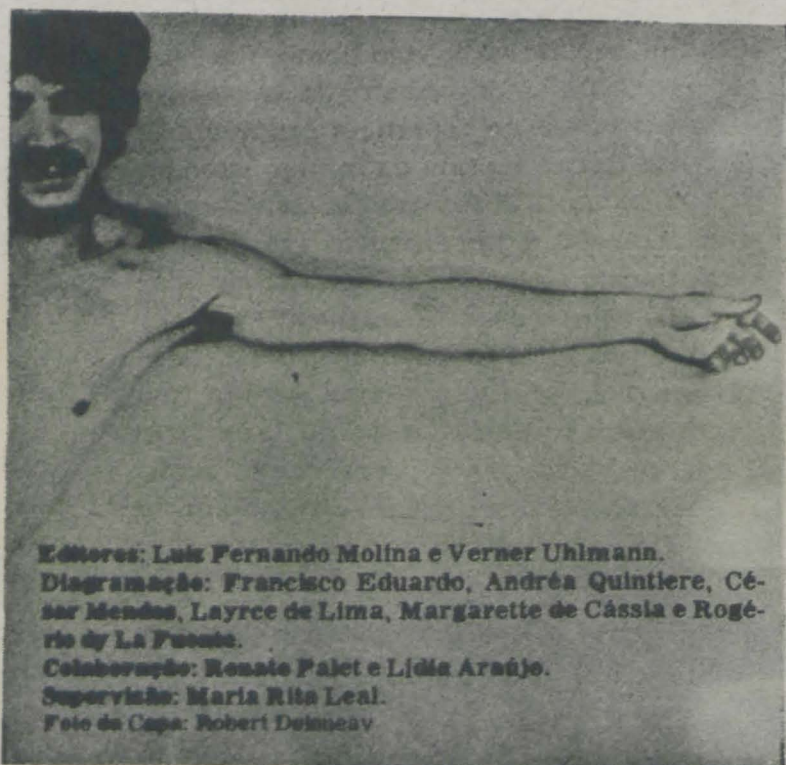


Os editores, já em suas férias de verão, posam para Susana Dobal

WILLIAM JAMES, 1912



Co-produção:
barões Beck & Decker.



Editores: Luis Fernando Molina e Verner Uhlmann.
Diagramação: Francisco Eduardo, Andréa Quintiere, César Mendes, Layrce de Lima, Margarette de Cássia e Rogério de La Fuente.
Colaboração: Renata Palet e Lidia Araújo.
Supervisão: Maria Rita Leal.
Foto da Capa: Robert Delmeuv

"Jovem de braço estendido", R. Mapplethorpe

**SEJA O CENTRO
DAS ATENÇÕES
E LIVRE-SE DOS
SEUS PROBLEMAS**



**PULE DE UM PRÉDIO
E CAIA NA REAL.**

MATE-SE!

**FELIZ
ANO MESMO**

E não é que sobrevivemos a mais este ano cheio de dias, horas, semanas e momentos? Bocas, narizes e beijos tortos. Videoclips apocalípticos e saídas coloridas. Muitos cheques e mates e reis tarados que comem peões. Fones fonemas e fenômenos cafonas. O grande show do Ferrão (nosso de cada dia). Os roques que rolam as mudanças da lua gozos sublimes um puta amor e a incrível sensação de já ter visto esse filme

(FERNANDO MOLINA)



"Mamute", fotógrafo desconhecido

A insustentável leveza da atividade fotográfica neste período

Criar
(molina)

BRINCA

de

DEUS



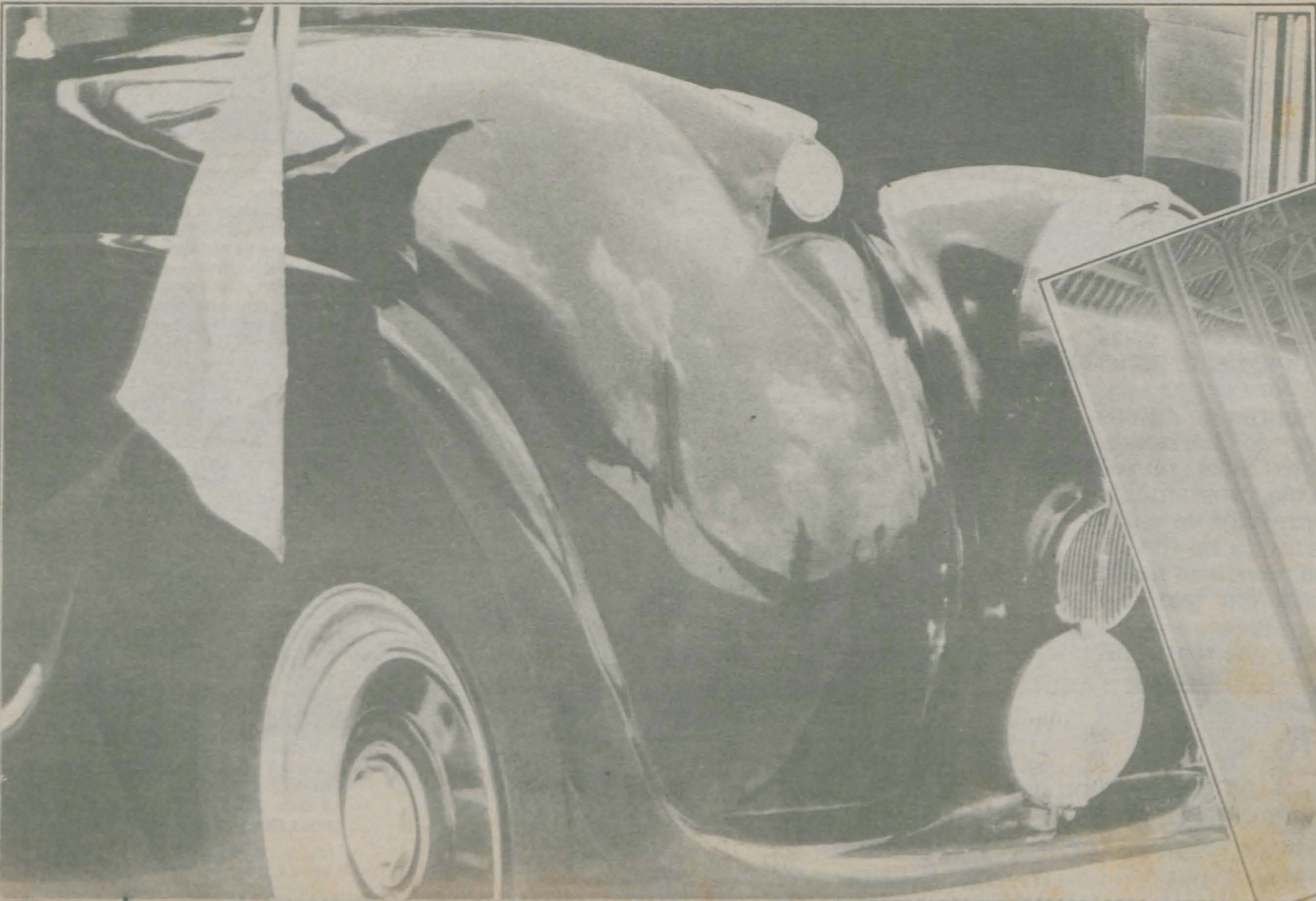
CESAR MENDES PEREIRA

CONVITE



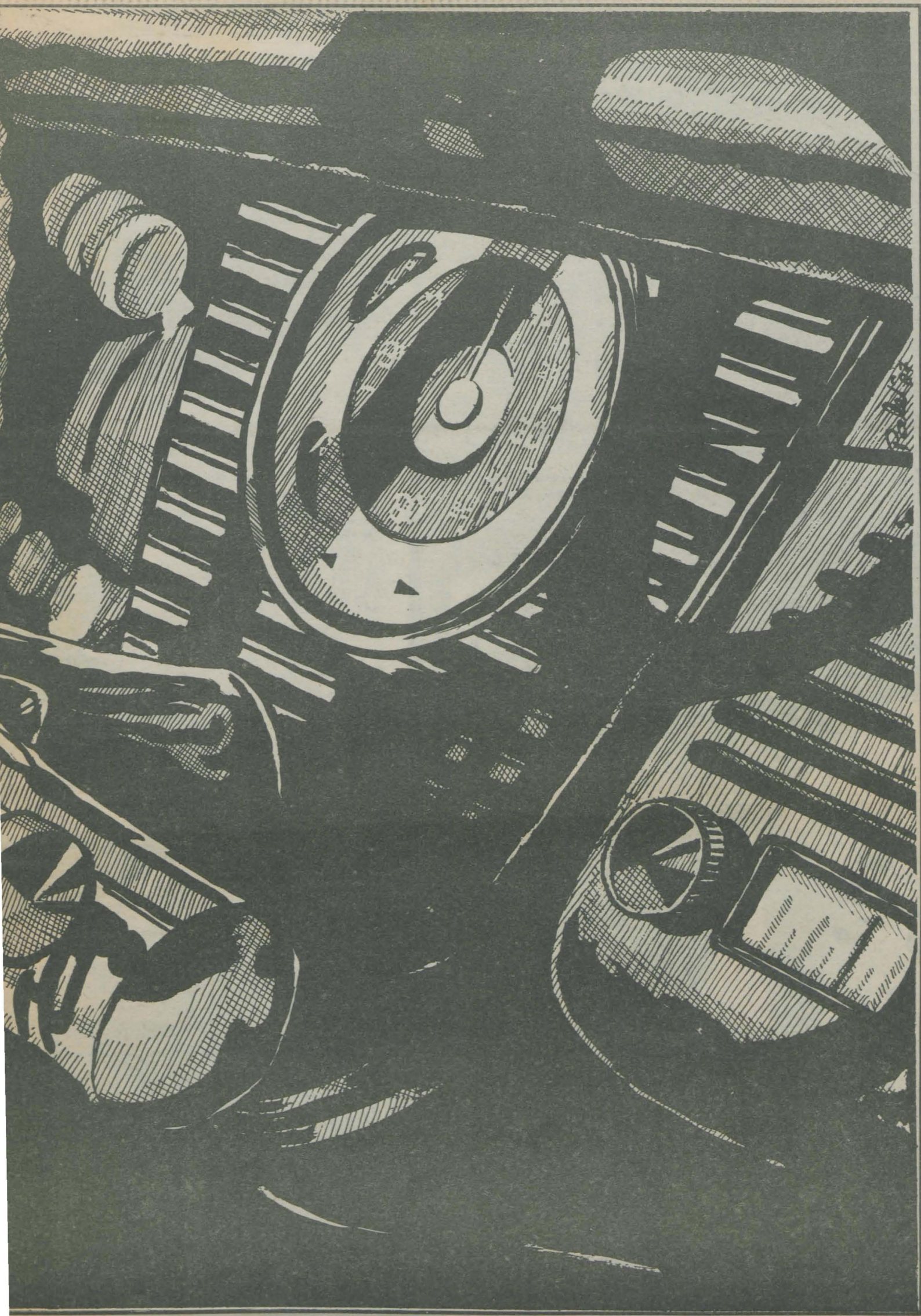
Local: Dep. ICC Norte
APOIO: Serviço de Apoio Artístico e Cultural - DNE
OFICINA DE BERGOGRAFIA

Arte: Claus Schmidt



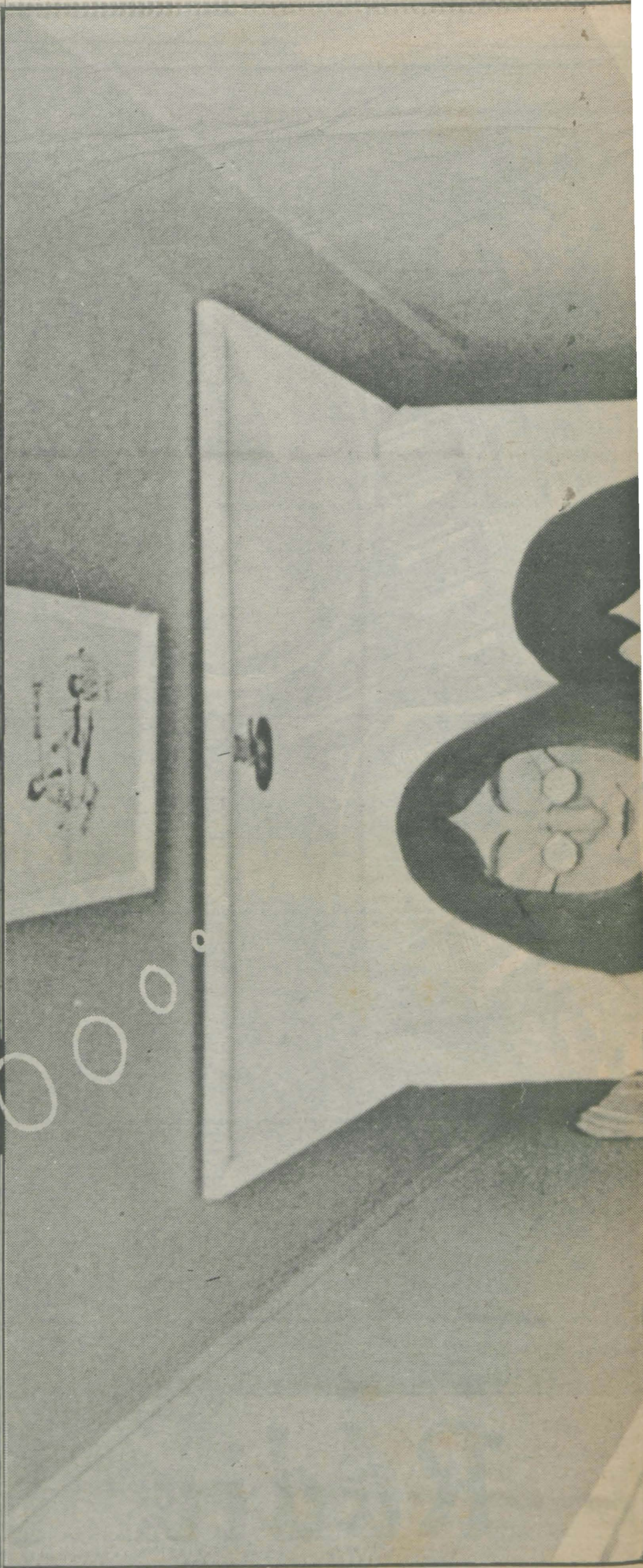
RUBENS REBOUÇAS

Dulcídio Siqueira

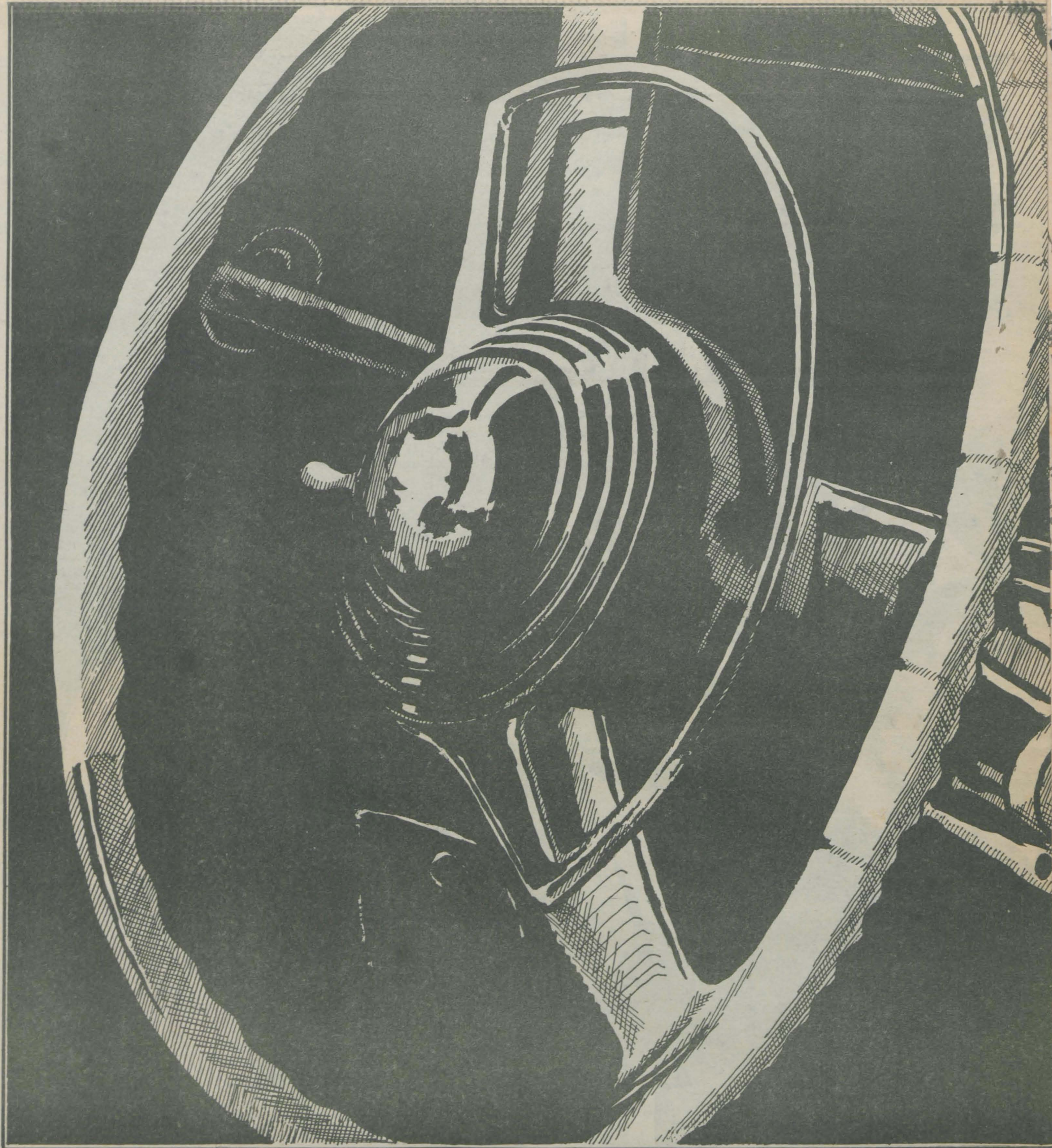


a Rádio UnB

**Tráfego
sonhando
com a
E a gente
vai**







ligado no

Alunos do curso de Comunicação
PRIMEIRA EXPOSIÇÃO
DE FOTOGRAFIA
de Comunicação

Das: 16 a 25 de Novembro de 1987
Das: 10:00 às 18:00 h
de Comunicação
UNB

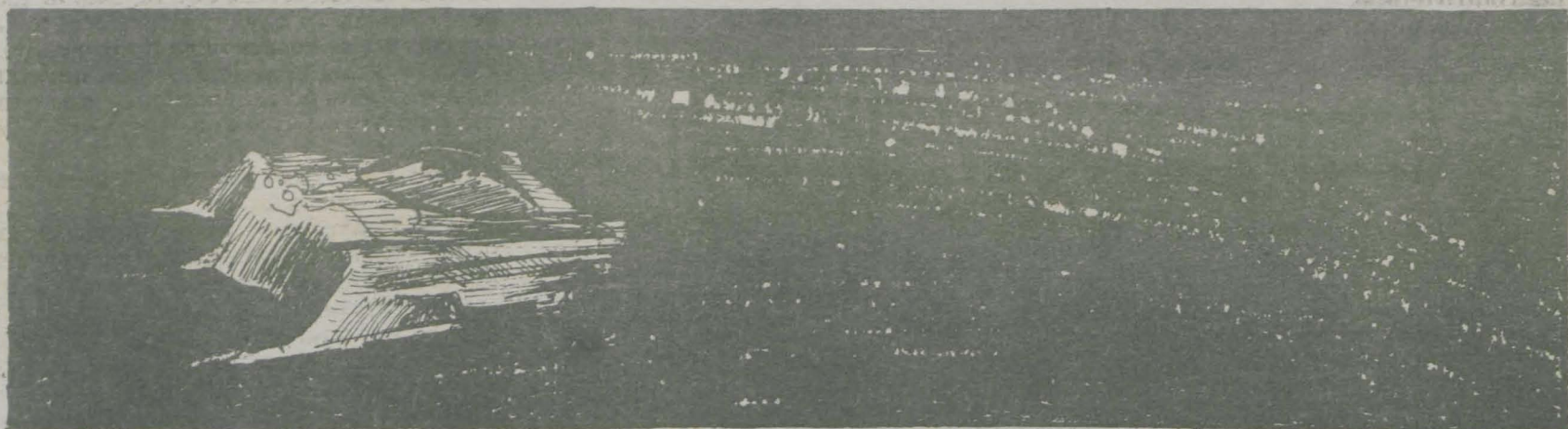
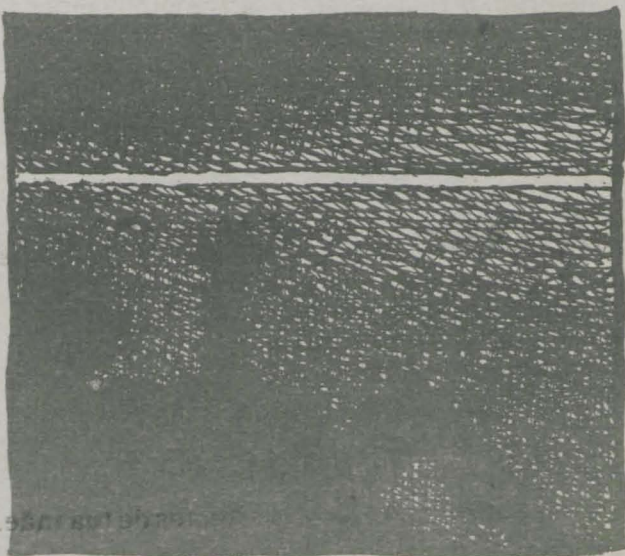
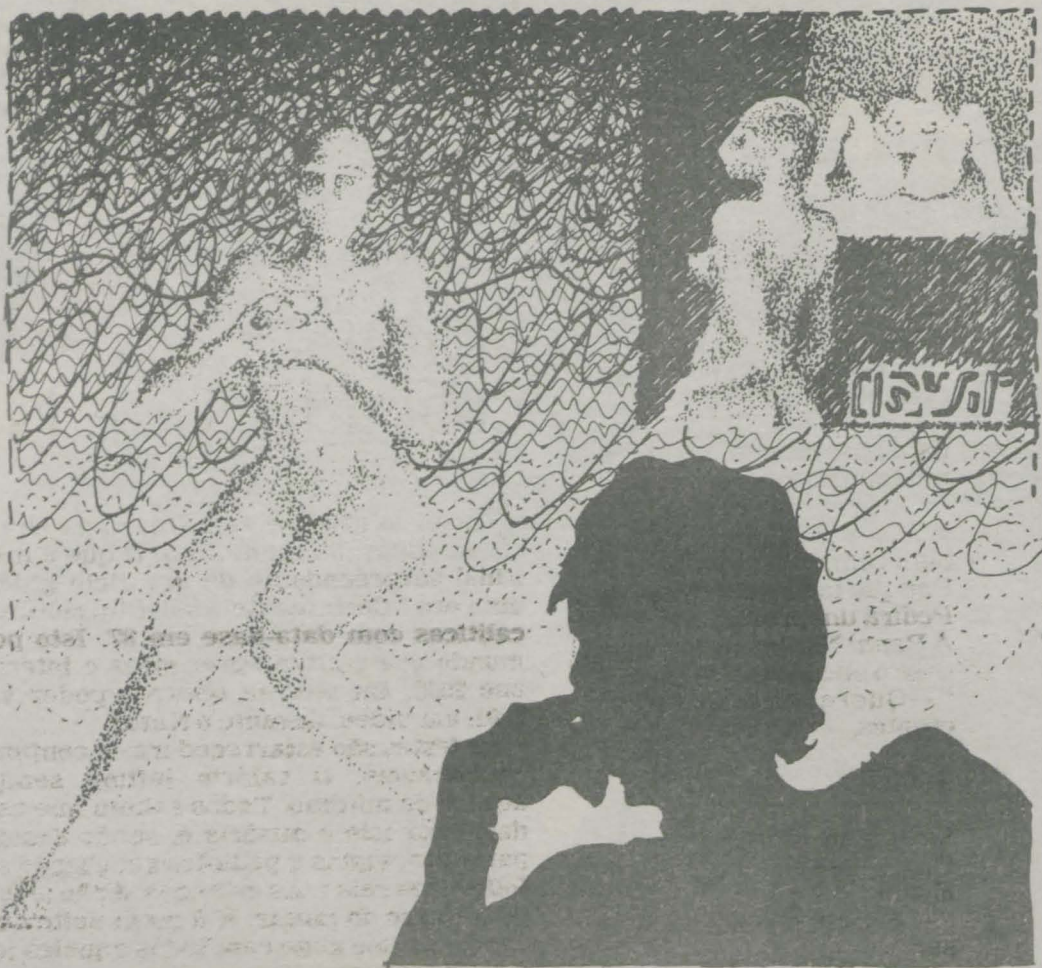


Susana Dobal



Mauro Giuntini

Renato Palet



NATAL?...

Nem me lembro quando
Foi o último Natal...
Nem mesmo sei
Se há 1987 anos
Alguém especial nasceu.
Disseram-me:
Sim! Houve um homem
Um tal Jesus Cristo
Filho de não sei
Quem.

É por ele o Natal
É para ele esta data.
Mas nada sei
A não ser que morreu
E deixou nos homens
Alentada impressão
De não estarem sós.
Prometeu voltar
O tal homem dos céus
(Veio mesmo de lá?)
Temo, porém

Que desavisado
Escolha a mesma data
O pobre coitado!

Não verá ninguém
Disposto a recebê-lo
Ocupados que estão
Com aleluias

papéis de presente
mil iguarias.

E Ele,
Sem compreender
Por que tanta festa,
Pedirá um presente
A Papai Noel
— se o encontrar.
“—Quero discípulos,
crentes,

Amigos.

Sou o filho de Deus!”
Papai Noel rirá
E dirá:
“— Espere o Natal passar.”

Luciano Milhomem Seixas

Balada do Não Natal

Dorme, meu filho.
Em algum lugar recôndito,
esperando o nascimento
que não vai haver.

Dorme, filho querido.
Em mau momento concebido.

Dorme sob as lágrimas impotentes de tua mãe.
que te espera,
num outro tempo,
mas com o mesmo amor.

Deborah Dornellas

MARCELO FELJO



Novo Ano

Um ano, mais um ano
Com vida, com morte
Com pranto, com sorte
Pro norte
Que a morte vai é pro sul
Aprende a correr
Pro norte
E mais um ano envolver o
mundo
Que é redondo
Hediondo
Mas impassível
Porque norte e sul
No infinito do azul
Se encontram

Dulcídio Siqueira Neto

Não como um Superstar

Nós estamos perdidos
Estamos tão tristes
Desde que você se foi
É como se já nascêssemos numa prisão
Eu fico imaginando
Como seria o mundo
Se você não tivesse vindo
Como ele seria
Se você tivesse morrido
Como um homem normal faz?
Eu não quero que você faça milagres
Ande sobre as águas
E atravesse paredes
Não quero adorá-lo
Nem fazê-lo divino
Você não precisa
Carregar sua cruz novamente
Nem mesmo a minha
Simplesmente volte
E fale a todos
Mais claramente
Quem é você?
O que sacrificou?

Fernando Molina

Um presente seu
agrado que nunca tive
e eu ateio fogo às memórias
deslumbrado iconoclasta
que vê subir com a fumaça
o que restou de seu desejo
sob a luz e sobre o carpete
vislumbro o recomeçar

Mário Salimon

Bolinhas crocantes de Natal

NATHALIA KNEIP

Ressurge sempre esta ilusão de se estar chegando a algum lugar, a algum final. O que é mesmo que acaba? Final surpreendente de um ciclo galáctico ou de toda uma era? Certamente o suicídio coletivo das seitas apocalípticas com data-base em 87. Isto porque não é todo mundo que cultiva apreensões e interpretações para o ano 2000. Eu mesma quero é poder ver a odisséia do 2001, em vídeo, durante o Natal.

As festas são estarrecedoras e conjunturalmente, desconfortáveis. O salário ínfimo sempre se mantém aquém do mínimo. Todos sabem que esta é a sua identidade, por isto a miséria é, senão desejada, normal. Os porteiros, vigias e pedintes receberão satisfeitos os restos das celas. As crianças serão originais, reclamando o atraso do jantar. É à meia-noite que a surrealidade atingirá o seu auge com todos aqueles fogos e as pessoas dizendo feliz isso, feliz aquilo, com ar incerto de felicidade (a mesma do ano anterior). Vai ter algum louco que vai correr pro quarto para ligar o rádio. Não adianta. A rádio UnB naufragou no ar, sem nunca ter entrado realmente. O jeito é você inaugurar o ano indo pro eixão sul ver toda aquela gente correndo sob recente estímulo da São Silvestre.

Antes disso vai acontecer o momento mágico do Natal. Muito samba, suor e cerveja. Em casa, várias pessoas comendo peru e até mesmo noz, nosso popular fruto tropical. Na TV o Roberto vai especialmente recantar Amada Amante, com seus caracóis implantados. Neste exato instante, sugiro que você vista o sobretudo preto com botões dourados (favor não esquecer o gorro vermelho), dirija-se calmamente à sala e comece doce, porém decididamente, a mastigar as bolinhas da árvore de Natal. Dê, então, três gargalhadas cor de prata. Um bom e fugaz Natal para você, meu irmão.



8 sonhos sintéticos

Um sonho sintético e o Natal chegou em outubro daquele ano.

Barulho de porrada. Julian compenetrado na vila Indiana, um forasteiro com uma corrente na mão e um vislumbre na cabeça. Caminha solitário em crateras do futuro prometido e longínquo. No mundo em que está não há o humaníade. O presente é século XXI e ele está além. Um velho é espancado por dois caras.

O cheiro do movimento brusco e o sabor do sangue que escoia pelo tecido rompido. Julian tem agora dois décimos de segundo para levar outra porrada, posicionar o corpo e desferir o golpe. A corrente funciona perfeitamente. Está feita a justiça e o respeito ao homem flácido. Costeiras quebradas. Os dois pilantras contorcem-se de dor. Julian se sentiu vil com o massacre ao velhote. "Escarro em suas carcaças".

O tempo sempre foi um inconveniente ao processo inercial daquele povoado. Neófitos, recelam a aproximação das grandes datas, a passagem do tempo. Temem a morte e o envelhecimento. Experimentam a crueza da avidez temporal.

Chegam a casa de Julian que serve um scotch ao anfitrião. Não trocam palavras. Simplesmente absorvem aquele momento dentro dos limites dos seus íntimos. As imagens desencadeadas pela presença do velho detonam um processo de retorno aos símbolos da infância. O jovem se percebe envolvido numa caçada interna.

— Natal?
— Tolices, comércio.

Enchem a cara sem perceber. O homem ferido para aliviar suas dores, Julian para desativar de sua mente lembranças que o sufocam. "Merda". O homem é esse ser angustiado que sempre se obriga a extrapolar conceitos e atitudes.

— Natal?

— ...
Dorme profundamente. Julian não se apodera ainda daquela figura mágica insone. Alguém que o reporta a locais e momentos que se desvinculara há décadas. Mago. Cristal. A imagem invade aos poucos sua reles consciência humana. Julian vasculha todos os antigos objetos que guardara com o tempo. Revolve os baús sedento. Fotos de família, fetiches e vídeos. Velhos escritos. Tem a lucidez perturbada. A mãe, o pai, os cosanguíneos da videotela. A legenda indica o Natal de 2008. Os signos de sua existência são todos recobrados.

Os sorrisos familiares. Sua alma vibra em consonância. Chora de alegria e saudade. "Julian, vem aparecer no filme ..." Feitiço tecnológico. Ele se vê criança. Vozes. O choro se intensifica. As imagens mentais são mais presentes. As pálpebras se fecham. Esquece a tela. Vive sua própria festa de Natal.

Desperta alguns dias ou noites depois. Lúcido, seminal. Na sala, o banquete deixado. Carnes, vinhos, frutas cristalizadas. Natal! O velho não está lá. "Deve estar em suas ruínas circulares. Desaloja brumas esparsas. Monta o século seguinte".

neve

MARDEN ELIAS

Alguém pendurou um pequeno enfeite no elevador. É um pedaço de cartolina verde, recortado em forma de pinheiro, e possui alguns pedacinhos de papel brilhante colados. No centro está escrito "Feliz Natal" com uma letra miúda e infantil. Ao lado do enfeite está a plaqueta semi-destruída que avisava o limite máximo de pessoas. Mas, nesse momento existem duas pessoas a mais no elevador. Entre elas está a moça do 304 que cantarola bem baixinho.

Eu estou encostado no painel de botões. Estão faltando três botões. É impossível parar no terceiro, sexto ou quinto andar sem que se corra o risco de choque elétrico. Nenhuma das pessoas que estão subindo comigo parecem ligar para isso. O elevador já parou no térreo, no primeiro e no segundo andar. Mas ninguém desceu. Senti, uma espécie de zumbido hostil circulando na minha direção. Só então percebi que havia apertado quase todos os botões com o ombro. Passamos direto pelo terceiro e paramos no quarto. Escutei um pequeno muchocho. Ninguém desceu. O zumbido hostil aumentou à proporção que o elevador subia.

"El moço, desencosta do alarme, por favor!" — Foi a mulher do 303 que falou. "Ah, sim, claro, desculpe". O filhinho dela estava segurando na minha perna e começou a chorar. O bico do garoto estava entre os meus pés, mas não havia espaço para abaixar. O gordo do 502 tentou mudar de posição e assim pisou no pé de alguém do 301, que, sobressaltado, deu um pequeno pulo para o alto e para o lado. Por essa razão eu bati o ombro no botão de emergência e no de alarme. O elevador parou, engulchado. O garoto berrava junto com o alarme. "Desencosta daí, rapaz!"

Olto pessoas presas. E alguém ainda carregava um embrulho enorme. Talvez fosse um urso de pelúcia gigante. A mulher do 303 dava pequenos socos na porta metálica do elevador. Não havia espaço para grandes socos. O menininho parou de chorar. Ele conseguira se sentar sobre os pés do sujeito do 601. Nessa posição relativamente confortável ele relaxou e fez o seu xixizinho.

Passaram-se dez minutos de prisão e constrangimento. O alarme soava. Então a moça do 304 começou a cantar em alto e bom som: "Bate o sino pequenino, sino de Belém..." E todos nós a acompanhamos, de início suavemente e depois a plenos pulmões. Nos cumprimentamos, trocamos sorrisos e felicitações.

Era uma data especial, estava no calendário. Não poderíamos trair a benevolência que o dia abertamente impunha. E só uma vez por ano. Fomos soltos do elevador. Ainda conversamos um pouquinho.

Quando minha porta se fechou senti um pouco de alívio e vergonha. Lembrei do pinheirinho do elevador. Na minha boca havia um gostinho de gelo e de nada. Parecia neve.

Contos de Natal que nossos netinhos ouvirão

fissura

PAULO CABRAL

Estavam lá, Friend, Ana Rita, Lalá, Lelé, Lili e Napoleão, todos esperando Papai Noel, numa sala de apartamento com mobília falsa. O sofá não era sofá, as poltronas não eram poltronas, as cadeiras não eram cadeiras, as almofadas não eram almofadas, ninguém usava, mas as mesas eram mesas e uma delas, a maior, estava repleta de cascas de nozes. A menor estava no centro de tudo.

Napoleão era o cão, fazia Friend se levantar, andar, procurar da janela alguma constelação e olhar para baixo na esperança de ver Papai Noel entrando pela sua portaria. Nada acontecia, e Friend voltava a sentar na caixa de som. Naquela noite a onda era trilha sonora, e já tinha passado de tudo. Blade Runner, Round Midnight, One From the Heart, West Side Story, e sempre repetindo — ... já que disco não fura, pensava Friend.

As três patas se encaixaram no meio das pernas abertas de Ana Rita, que estava sentada ao lado de uma almofada. A moça não se mexia mais, estava estourando de tanta noz, e seus olhos estavam como seus selos, caídos.

Calça desabotoada, pés descalços, penteado desmanchado e um forte hálito de cigarro incomodavam Ana Rita, mas ela já se pegou assim várias vezes, e tinha quase certeza que no Reveillon seria a mesma coisa.

Friend olhava tudo, mas quando encontrava com os olhos de Ana Rita se sentia meio envergonhado. — Por que Papai Noel não veio? Por que Papai Noel não veio? — pensava enquanto alisava o braço do sofá duro. Até ensaiou deitar naquele sofá de braço duro, coisa que nunca fez, mas não valia a pena e constatou que nunca mais alugaria um apartamento mobiliado.

Napoleão só pensava em estratégias e deixava Friend mais confuso. A mesa de vidro no centro da sala só tinha o brilho do reflexo da lâmpada, e os cinzeiros estavam cheios de pontas de cigarro e baganas.

De súbito, Friend olhou para Ana Rita e viu duas, uma, nenhuma pata mais no meio de suas pernas, e Napoleão, com o dedão da mão direita de fora e o resto dentro da blusa roçando sua barriga, disse: — E a hora! — e sussurrou — Desirrée! Desirrée!

Friend deu um sopapo naquele chapéu ridículo do Napoleão, desfez o encanto, correu para o banheiro e no vaso amaldiçoou as nozes e Papai Noel.

Voltou para a sala e já amanhecia. Tudo vazio, do mesmo jeito. Ana Rita de pernas abertas dormindo ao lado da almofada velha, as cascas de nozes na mesa grande, a menor no meio sem função. A campainha tocou.

— Gostaria de falar com o senhor João Manoel Almeida Nunes.

— Sou eu.

— Eu sou o delegado Murtinho, da 20ª DP, e encontramos este pacote com seu nome e endereço e este cheque com o senhor Luziel Cruz, que estava vestido de Papai Noel e foi apanhado pela nossa viatura.

— Como passou o natal, delegado?

O delegado sorriu.

